

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

REGINA LUÍSA RODRIGUES ORIO

PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIABILIDADE:
Um estudo a partir das vozes não ouvidas da Restinga, Porto Alegre-RS

Porto Alegre

2016

REGINA LUÍSA RODRIGUES ORIO

PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIABILIDADE:

Um estudo a partir das vozes não ouvidas da Restinga, Porto Alegre-RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rockembach

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

CIP - Catalogação na Publicação

Orio, Regina Luísa Rodrigues
PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIABILIDADE: Um estudo a
partir das vozes não ouvidas da Restinga, Porto
Alegre-RS / Regina Luísa Rodrigues Orio. -- 2016.
58 f.

Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Patrimônio cultural. 2. Sociabilidade. 3.
Restinga. 4. Porto Alegre. I. Sousa, Rodrigo Silva
Caxias de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana – Porto Alegre/RS

CEP: 90035-007

E-mail: fabico@ufrgs.br

Regina Luísa Rodrigues Orio

PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIABILIDADE:

Um estudo a partir das vozes não ouvidas da Restinga, Porto Alegre-RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Aprovado em: 27 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Marlise Giovanaz (Examinadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrando Luis Fernando Massoni (Examinador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo a todos/as moradores/as da Restinga, comunidade onde nasci e tenho maior orgulho. Em especial aos interlocutores, que cederam parte de seus dias para conversar com uma maluca sobre a Restinga.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao Universo, por estar onde eu deveria estar e conhecer as pessoas que conheci.

Agradeço aos meus pais por me oferecerem o privilégio de estudar, em especial minha mãe por me dar a vida há 21 anos, e continuar me dando vida ainda hoje.

Raquel, minha irmã, obrigada por iniciar, tenho certeza que não estaria estudando se não fosse tua coragem de dar os primeiros passos.

Gustavo, companheiro, obrigada por terminar o que eu não conseguia mais, e por estar sempre comigo.

Rodrigo Caxias, orientador, obrigada por me desorientar, brincadeira, obrigada por ter aceitado o desafio de construir esse estudo comigo.

Jeniffer Cuty, minha gratidão por acreditar nessa pesquisa e me acompanhar nessa trajetória.

Agradeço a Pastoral da Juventude, pela influência na minha identidade e também pelos amigos eternos que me ofereceu, sejam eles da PJTinga, PJPOA ou PJ do RS.

Aos lugares de aprendizagem, a Biblioteca Pública do Estado, a Discoteca Natho Henn, e todas as pessoas que conheci neles, carrego imenso carinho e gratidão.

Aos colegas da faculdade, obrigada por dividirem tantos momentos comigo, e principalmente aquele/as que contribuíram para esse estudo, todas as sugestões que tive, grata.

Deliane, minha sócia, obrigada pelas ajudas e a companhia, Bianca, te agradeço por entender até o tipo de respiração no telefone, amigas que levo pra vida.

Gurizada das ocupações, apesar de não poder estar presente acreditem tenho muito orgulho dessa luta.

A todos/as amigos/as que guardo com carinho nas minhas memórias e no meu jeito de ser, seria uma lista infinita por isso não vou nomear.

Se lhes dou esses detalhes sobre o asteroide B 612 e lhe confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. Elas adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, as pessoas grandes jamais se interessam em saber como ele realmente é. Não perguntam nunca: “Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas?” Mas perguntam: “Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto seu pai ganha?” Somente assim é que elas julgam conhecê-lo (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.15).

RESUMO

O presente estudo tem como temática o patrimônio cultural e a sociabilidade no bairro Restinga, a partir dos moradores. O objetivo geral é investigar como a comunidade da Restinga reconhece e utiliza seu patrimônio cultural. Discute os principais conceitos e apresenta um histórico do bairro. Para a realização do estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa e como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. Apresenta os lugares reconhecidos pelos moradores como patrimônio e as categorias identificadas na análise, que são: patrimônio cultural e sociabilidade. Conclui questionando sobre a utilização dos conceitos de patrimônio cultural na biblioteconomia, comentando também sobre a experiência de pesquisar e as mudanças geradas na autora a partir das entrevistas.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Sociabilidade. Restinga. Porto Alegre-RS.

RESUMEN

Este estudio tiene como tema principal el patrimonio cultural y la sociabilidad del barrio Restinga y sus residentes. El objetivo general es investigar como la comunidad de Restinga reconoce y utiliza su patrimonio cultural. Se analizan los principales conceptos, se presenta una historia del barrio. Para el mismo se utilizo metodología cualitativa y entrevista semiestructurada como herramienta de investigación. Muestra lugares reconocidos por los lugareños, como la equidad y las categorías identificadas en el análisis, que son: el patrimonio cultural y la sociabilidad. Concluye sugiriendo el uso de los conceptos de equidad en bibliotecología, también comenta sobre la experiencia de la investigación y los cambios que han generado el autor de las entrevistas.

Palabras clave: Patrimonio cultural. Sociabilidad. Restinga. Porto Alegre-RS.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PERSPECTIVAS CONCEITUAIS	14
2.1	Culturas	14
2.2	Patrimônio cultural	15
2.3	Sociabilidade	18
3	TINGA TEU POVO TE AMA	20
4	METODOLOGIA.....	22
4.1	Método	22
4.2	Passo a passo	23
4.3	Narrativa dos processos de composição das entrevistas	24
5	EU TÔ PERCEBENDO QUE EU NÃO APROVEITO A RESTINGA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE CAMPO.....	26
5.1	Os lugares	26
5.2	As relações	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	47
	APÊNDICE B- ENTREVISTAS TRANSCRITAS	48

1 INTRODUÇÃO

Convertida em conhecimento uno e universal, a ciência moderna ocidental, ao mesmo tempo que se constituiu em vibrante e inesgotável fonte de progresso tecnológico e desenvolvimento capitalista, arrasou, marginalizou ou descredibilizou todos os conhecimentos não científicos que lhes eram alternativos (SANTOS, 2008, p.155)

Iniciamos a introdução trazendo esse trecho do livro *A gramática do tempo*, de Boaventura de Sousa Santos, em específico do capítulo que trata da ecologia dos saberes, onde discute como o conhecimento científico se tornou modelo e os conhecimentos populares acabaram sendo silenciados. Pensamos o título desse estudo a partir dessa ideia, tratando sobre as vozes que não são ouvidas, muitas vezes em decorrência do sistema que nos conduz, que não está preocupado com a justiça e cria diversas ferramentas de exclusão. Na ecologia dos saberes, porém, todos os conhecimentos estão no mesmo patamar e são respeitados.

A temática escolhida para esta pesquisa é o patrimônio cultural e a sociabilidade na Restinga, que é um bairro de periferia, da zona sul de Porto Alegre, onde habitam, segundo as estatísticas oficiais, 60.729 pessoas (OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 2015). Esse é o número oficial, mas sabemos que a população é muito maior e pode chegar a mais de 100.000 habitantes.

A Restinga é um dos maiores bairros de Porto Alegre, representando 4,31% da população do município (OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 2015). É quase uma cidade, possuindo mais de 20 escolas de ensino fundamental e médio, entre estaduais, municipais e particulares. A comunidade conta com mais de 15 linhas de ônibus, que levam os moradores para o centro da cidade e também para outros bairros. Para atender a saúde da população estão disponíveis duas Unidades Básicas de Saúde e uma Unidade de Pronto Atendimento (OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 2015).

O bairro tem uma história de lutas e conquistas, iniciada desde a remoção das pessoas que estavam no centro da cidade e passaram a morar na margem, lugar afastado do centro, sem condições de vida. Alguns relatos da história do bairro estão no capítulo de *Perspectivas conceituais e contexto*.

O conceito patrimônio cultural já esteve ligado a algo instituído pelo governo ou por uma religião. A proposta para esta pesquisa é justamente o contrário, é olhar para o patrimônio com as lentes dos moradores do bairro. Outro tema abordado neste estudo é a sociabilidade, o sentimento de fazer parte de um grupo.

A pergunta que abre os porquês desta pesquisa é: por que escrever sobre o quintal de casa? Pergunta essa feita a mim numa das refeições de família. Minha proximidade como moradora do bairro e como ouvinte de tantas histórias narradas, em tantos espaços que participei, gera dentro de mim o sentimento de compromisso em registrar essas memórias, esses lugares importantes, trazendo para o meio acadêmico vozes que estão abafadas e quase nunca ouvidas. Esse pertencimento gera em mim o desejo de discutir um bairro de periferia, que é muitas vezes excluído pela mídia e resumido em violência.

Escrever sobre patrimônio cultural também gerou outro porquê: por que escrever sobre patrimônio se o curso é biblioteconomia? A escolha do tema patrimônio cultural surgiu em meio a muitos questionamentos, entre eles o não uso da biblioteca do bairro pelos moradores. Minhas questões eram: porque a comunidade não usa? Será que ela se identifica? Então decidi pesquisar que lugares a comunidade reconhece e utiliza como patrimônio cultural. A discussão do pertencimento pelos lugares está relacionada com o uso do local, por isso acredito que precisamos discutir patrimônio cultural junto à biblioteconomia e entender como agregar essa discussão ao curso.

Para identificar o estado da arte, pesquisei os possíveis trabalhos sobre patrimônio cultural no Lume (Repositório Digital da UFRGS), onde foram encontrados três Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) sobre patrimônio cultural, na graduação de Biblioteconomia. Isso demonstra que esta temática é pouco discutida no curso de Biblioteconomia da UFRGS. Ao ler os resumos desses trabalhos, pude observar que nenhum deles é escrito sobre bairros de periferia. Ao pesquisar também por *Restinga* no campo de assunto, com delimitação no curso Biblioteconomia, não foram obtidos resultados. Dessa forma, outra novidade que apresento é estudar sobre um bairro que não seja central. Procurei também a temática na Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) utilizando como termo de busca “patrimônio cultural” e “biblioteconomia” obtive 16 resultados, ao ler os resumos identifiquei três estudos sobre patrimônio cultural e biblioteconomia mostrando que o tema é pouco pesquisado na área.

Neste contexto, para guiar esta pesquisa surgiram questões como: existem locais para se divertir no bairro? Que locais são importantes para a comunidade? Como os moradores identificam, usam e descrevem esses espaços? Será que eles se reconhecem, se sentem

pertencentes? Como são as impressões das pessoas, o que elas pensam da Restinga? Reconhecendo a importância dessas opiniões, a autora Nola Gamalho destaca:

Há alguns espaços aos quais são atribuídos os males da sociedade. São identificados enquanto produto e produtores da desordem, do caos, numa relação em que as pessoas e os espaços estão contidos uns nos outros, um significa e é significado pelo outro e, ao identificar a Restinga a partir de elementos que a depreciam, projeta-se os mesmos nos moradores, imbricando sujeitos e espaço (GAMALHO, 2009, p. 10-11).

Por esses motivos buscamos junto à comunidade como são as representações, quais são os sentimentos com o bairro, que locais podemos entender como espaços de lazer, diversão, conhecimento, encontro. Em meio a estes questionamentos apresentamos a seguinte questão de pesquisa: **Como a comunidade da Restinga reconhece seu patrimônio cultural?**

Para guiar o processo do estudo elencamos como objetivo geral: **Investigar como a comunidade da Restinga reconhece e utiliza seu patrimônio cultural.** Para desenvolver o objetivo geral, definimos os seguintes objetivos específicos: a - Identificar quais são os espaços e instituições que os moradores da comunidade reconhecem como patrimônio cultural; b - Investigar como a comunidade percebe os espaços e instituições culturais; c-Mapear os espaços e instituições culturais elencados pelos entrevistados; d - Descrever os espaços mencionados nas entrevistas; e - Categorizar as relações dos entrevistados com os lugares.

O estudo está dividido em cinco partes além da introdução. No capítulo *Perspectivas conceituais* estão expostos os principais conceitos deste trabalho, utilizando os autores como forma de aproximar os conceitos: culturas, patrimônio cultural, sociabilidade. No capítulo *Tinga teu povo te ama* está descrito um contexto sobre o bairro Restinga. No capítulo *Metodologia* está definida a natureza, abordagem, objetivo, procedimento, instrumento de pesquisa, apresentando também como ocorreu o processo de construção do estudo. No mesmo capítulo contém uma narrativa com impressões do fazer pesquisa, sensações e construções, mudanças. No capítulo *Eu tô percebendo que não aproveito a Restinga* apresentamos os lugares que foram citados nas entrevistas e também as categorias de análise desta pesquisa, que são patrimônio cultural e sociabilidade. Por fim, expomos a conclusão que indica as contribuições para a área, as impressões, mudanças e questionamentos que a estudo proporcionou.

Para a apresentação desse estudo escolhemos escrever na primeira pessoa do plural, pois entendemos que há um diálogo com os autores, com o professor orientador e também com o leitor. Em algumas partes da escrita, porém, utilizamos a primeira pessoa do singular, quando tratamos dos processos de descrição de pesquisa e de impressões individuais, como, por exemplo, no subcapítulo *Narrativa dos processos de composição das entrevistas*. Pois, na

nossa concepção, seria impossível escrever algumas partes desse estudo na primeira pessoa do plural, devido a aproximação da autora com o tema tratado.

2 PERSPECTIVAS CONCEITUAIS

Os temas abordados na pesquisa são descritos nessa seção para melhor entendimento dos conceitos.

2.1 Culturas

O que transforma o termo *cultura* no plural é o entendimento de que as diferenças entre os modos de vida de cada localidade podem ser entendidos como uma cultura diferente. Neste sentido, “Desde a antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos” (LARAIA, 2009, p.13). O autor nos apresenta que sempre foram observadas as distinções, houve sempre uma percepção de que existiam diferenças nas formas de se relacionar.

Entre as discussões apresentadas sobre cultura está a hipótese de que é algo biológico, como se a genética determinasse como cada povo iria viver. Mas essa ideia já foi desmitificada, pois uma criança, que nasce em um país e criada em outro, pode assumir todas as práticas do seu país adotivo, seus costumes e sua linguagem (LARAIA, 2009).

Entre várias discussões, os antropólogos chegaram à conclusão que cultura é algo social, construída através do comportamento, de como determinada sociedade vive, pois “[...] o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação” (LARAIA, 2009, p.19-20). O comportamento de mulheres e homens pode variar dependendo dos costumes praticados naquele espaço. Em alguns locais a mulher carrega coisas pesadas e desenvolve atividades brutas, em outros locais é o homem que tem esse papel (LARAIA, 2009).

Os homens e as mulheres vivem de acordo com o que foram ensinados, “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2009, p.45). A cultura também pode ser considerada uma série de regras e acordos instituídos por determinado grupo de pessoas, reconhecendo que, a partir dessas definições, tudo aquilo que “sair fora das regras” está errado, ou no mínimo estranho.

O termo cultura pode representar diversos conceitos, por isso é descrito pelos autores como um termo complexo. Segundo Burke (2005, p. 43), “Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)”. Diante dessa gama de conceitos podemos definir que a cultura

é o resultado da história e das interações sociais de um determinado grupo. Todo esse processo de criação de costumes e regras passa a determinar como as pessoas desse grupo/comunidade realizam suas atividades, mesmo as mais comuns.

Nesse contexto, será possível afirmar que dentro de cada cultura existem categorias? Existem subgrupos, subculturas? “Talvez seja melhor seguir o exemplo de vários historiadores e teóricos recentes e pensar as culturas populares no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante” (BURKE, 2005, p.41). Assim, seria um risco afirmar que determinada não tem essa ou aquela cultura. Dentro dos costumes de cada povo existem subgrupos que possuem hábitos diferentes, não são todos homogêneos. Como por exemplo, no bairro Restinga, onde foi realizada a pesquisa, cada lugar é marcado por um grupo que tem características diferentes. Os skatistas se comportam de uma forma, já os que jogam basquete em outro comportamento. Apesar disso, todos moram no mesmo bairro e possuem situações em comum, como a distância do centro da cidade e o preconceito de ser morador de um bairro violento.

2.2 Patrimônio cultural

O surgimento do termo patrimônio tem origem com o sentido de possuir, de ser dono, e geralmente com apenas um possuidor. Isso podemos identificar na ideia de que patrimônio é vinculado a herança, o que se passa de pai para filho, que pode variar de bens materiais como terras, casa, até sentimentos e tradições familiares (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

A definição de patrimônio já esteve muito ligada a instituições que tentam representar a sociedade, como igrejas.

Com a difusão do cristianismo e o predomínio da Igreja a partir da Antiguidade tardia (séculos IV-V) e, em especial na Idade Média (séculos VI-XV), ao caráter aristocrático do patrimônio acrescentou-se outro, simbólico e coletivo: o religioso (FUNARI, PELEGRINI, 2009, p.11).

De certa forma, essa ideia inicia o conceito de coletivo, quando a sociedade passa a ver as igrejas como espaço de convivência. Com o Renascimento e o humanismo, a sociedade busca combater o teocentrismo e passa a se preocupar com espaços onde a religião não precisa mais influenciar, espaços sociais, sem restrições (FUNARI; PELEGRINI, 2009). A partir de então o patrimônio cultural passou a ser pensado por instituições públicas, sem influência religiosa,

servindo como uma estratégia para conduzir as pessoas a se sentirem parte de uma determinada nação.

Segundo Funari e Pelegrini: “Nem sempre existiram nações, os atuais países ou Estados nacionais.” (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p.13). Elas foram sendo criadas e essa tarefa não foi fácil, pois cada povo falava uma língua, não havia identificações, os costumes e tradições eram diferentes e isso causava um mal-estar (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Surgem então símbolos, lugares que identificam uma população. O principal objetivo era transformar cada indivíduo em cidadão do local, que reconhecesse suas características como idioma, traços, formas de viver que eram iguais ou parecidas com as das outras pessoas que dividiam o mesmo território. É tratado em bibliografias internacionais sobre a criação das nações e como elas foram estruturadas e inventadas” (HOBSBAWN, 1990 apud CRIVELLI, BIZELLO, 2012, p.174), maneiras de unir, fazer com que as pessoas tivessem um sentimento comum com a ideia de povo, fazer com que as pessoas se sentissem indivíduos unidos pela mesma história. Esse sentimento determinava o sentido de nacionalidade de cada um e do coletivo (CRIVELLI; BIZELLO, 2012).

Neste contexto surgem as nações, no sentido de representações de um aglomerado de culturas, que aos poucos foram transformadas em uma única cultura, que representa aquele povo, uma bandeira, um idioma, formas de fazer as coisas.

No Brasil, o patrimônio cultural é reconhecido na Constituição Federal com o artigo 216 que define:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

A constituição entende patrimônio cultural, no sentido material: objetos, construções; e também imaterial: como expressões, modos de fazer. Percebemos que o patrimônio cultural nessa leitura passa por uma transformação no seu significado, abandonando o que é instituído para se tornar representativo e usado pela comunidade.

O sentimento pelo patrimônio cultural não pode simplesmente ser instituído por um governo. É necessário que se utilizem processos de reconhecimento por parte das pessoas que vivem nesses lugares, do contrário pode correr o risco de não ser devidamente valorizado.

Para que tais bens possam ser utilizados pelos poderes em favor da criação da nação, é necessário que, em primeiro lugar, façam com que os indivíduos passem a ser entendidos enquanto coletividade, ou seja, devem servir como um instrumento integrador. Caso contrário, eles não efetivarão o que foi intencionado (CRIVELLI, BIZELLO, 2012, p.174).

Entretanto, os autores advertem: antes mesmo de querer que determinada comunidade entenda e reconheça aquele patrimônio, é necessário que os indivíduos se percebam como uma comunidade (CRIVELLI, BIZELLO, 2012). O primeiro passo é a integração, o reconhecimento. Somente depois os espaços são naturalmente reconhecidos e utilizados pelas pessoas coletivamente.

Santos e Nascimento (2012, não paginado) afirmam: “São essas características comuns, ou os lugares que suscitam memórias coletivas o que percebemos como patrimônio cultural”. Nessa definição o patrimônio não é algo que pertence a uma única pessoa, ou que está registrado em nome de alguma instituição, mas sim um espaço onde pairam memórias, que não são individuais, mas sim coletivas e reconhecidas como representativas de determinado grupo. Então o reconhecimento e a escolha do patrimônio devem partir da integração da comunidade e também das histórias partilhadas nesses espaços.

Este espaço de memória passa a ser o patrimônio cultural do grupo social que o escolhe.

O reconhecimento de suas origens e o entendimento das relações que se estabelecem no decorrer do tempo se tornam potenciais para a formação e prática da cidadania através do sentimento de pertencimento do lugar e a partir da percepção de que se faz parte daquela história, sendo portanto sujeito histórico que pode contribuir para manter ou transformar realidades, inserindo-se ou não como partícipe no processo histórico (SANTOS, NASCIMENTO, 2012, não paginado).

Entender o espaço como fonte de histórias, superação vivida e identificação pode estabelecer sentimentos, principalmente de reconhecimento, que é pertencer ao lugar. Esse pertencer pode gerar uma transformação, um cuidado com o local, querer buscar direitos e lutar pelas pessoas, querer que todos sintam aquele lugar, revivam as histórias.

A definição do patrimônio também já esteve vinculada a prédios e edifícios. Foi um tempo em que os monumentos eram muito valorizados. Com o tempo reconheceu-se que “[...] o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades” (CHOAY, 2006, p.12-13). É como se não bastasse preservar um único prédio, pois ele não teria mais sentido na paisagem se estivesse cercado por construções gigantescas e modernas. Assim, o monumento passou a ser “[...] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer outras gerações de

“pessoas rememorarem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2006, p. 18). Neste sentido, o patrimônio cultural atravessa as edificações complexas para se tornar um espaço de memórias, não é mais um espaço vazio, frio, um prédio esquecido, mas sim um lugar cheio de vida, onde é quase possível sentir a história do lugar, a qual as pessoas contam com orgulho.

Gilberto Velho era membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quando foi destinado, em 1984, a ser o relator do tombamento de um terreiro em Salvador, na Bahia, precisou dialogar muito com outros conselheiros. Segundo ele, “O Conselho encontrava-se bastante dividido. Vários de seus membros consideravam despropositado e equivocado tomar um pedaço de terra desprovido de construções que justificassem, por sua monumentalidade ou valor artístico, tal iniciativa” (VELHO, 2006, p. 237). Criticavam a ideia por ser um patrimônio relacionado à religião. Era, porém, um argumento raso, pois os lugares mais tombados na época eram igrejas. Dessa forma, com o tombamento de um terreiro, o entendimento de patrimônio ultrapassa o espaço físico e passa a ser reconhecido pelos rituais que acontecem nesse lugar.

2.3 Sociabilidade

A sociedade é formada por indivíduos e suas relações. Essas relações existem por diversos impulsos, como enumera Georg Simmel: “Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio [...]” (SIMMEL, 2006, p.59-60). Os impulsos são individuais, mas geram relações com outras pessoas. Esses encontros causados por desejos particulares geram a sociação:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão dos seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados-, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio das quais esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p.60-61).

A sociação é, portanto, o momento de encontro. São relações de fato que acontecem entre as pessoas: um professor dando aula para os alunos, um casal de namorados que vai ao cinema, um grupo de dança que faz uma apresentação e tantas formas de sociação que buscamos para conviver e resolver nossos impulsos, os quais variam conforme o lugar e o tempo em que estamos. É nesse encontro que despertamos algo para além da busca por resolver os impulsos.

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das

necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal (SIMMEL, 2006, p. 64).

Quando os indivíduos se encontram nos grupos sociais dos quais fazem parte, seja numa roda de amigos, em um templo para praticar sua religião ou em uma roda de chimarrão, existem características em comum que envolvem as pessoas que participam, como modos de falar, assuntos parecidos. Isso determina que se trata de um grupo social. É uma procura por se sentir parte de um grupo social. Quando o indivíduo está participando desse momento, se sente satisfeito, os impulsos ficam de lado e a sensação de fazer parte é o mais importante. Esse sentimento é a sociabilidade (SIMMEL, 2006).

Nesse sentido a sociabilidade, os sentimentos que os indivíduos têm pelos grupos e pelos espaços onde esses grupos se encontram podem contribuir para o reconhecimento do patrimônio cultural da comunidade em questão.

3 TINGA TEU POVO TE AMA

Apresentamos neste capítulo o contexto histórico do bairro para compreender mais sobre a Restinga. O capítulo tem o nome *Tinga teu povo te ama* que é a frase que de inspiração para os moradores, surgiu no samba enredo da Escola de Samba e depois se tornou presente em outros espaços fora o carnaval.

A Restinga como lugar de representação surgiu antes mesmo de estar localizada no espaço chamado atualmente Restinga. Essa comunidade já acontecia às margens da cidade de Porto Alegre. “No período compreendido entre 1940 e 1950, o êxodo rural representou mais de 70% do aumento da população em Porto Alegre. Em vários pontos da cidade, cresceu o número de vilas formadas por casebres” (NUNES, 1997, não paginado). Naquele tempo, as pessoas, sem mesmo saber para onde ir, se juntaram e formaram várias vilas em torno do centro urbano. Esses sujeitos que ocupavam as vilas estavam ali para servir as pessoas da cidade, sendo que muitas moradoras das vilas trabalharam como empregadas domésticas.

Na vila Theodora, perto dos Navegantes, era outro convívio. Todo mundo lá, num certo sentido, era inocente. Lá dentro nunca teve assalto. Na época, eu tinha meus quatro anos mais ou menos, o leiteiro chegava e botava o leite na porta, carne o açougueiro botava, o padeiro também e nunca ninguém mexeu [...] Relato de André Tupinamba B. da Silva (NUNES, 1997, não paginado).

Destacando esse relato do livro *Memória dos Bairros Restinga*, percebemos uma identificação de comunidade, onde havia o respeito com o que era do outro, não existindo inclusive o roubo, como enfatiza o morador. Assim, podemos entender que nessas vilas já existia um sentimento de pertencimento.

Esses grupos de pessoas e moradias formaram então basicamente três vilas: Theodora, Ilhota e dos Marítimos. Essas vilas estavam “[...] modificando a paisagem urbana e demonstrando aos poderes públicos as condições que o modelo capitalista impõe” (NUNES, 1997, não paginado). Esse modelo de cidade não era muito bem visto, pois estava alterando o olhar para a cidade.

Um dia surgiu a avenida. Já existia, mas agora tornara-se a AVENIDA... Iluminação a mercúrio. Uma beleza. Mas iluminada demais, ressaltava a feiúra das malocas. Era preciso removê-las e rapidamente. Os caminhões surgiram. Ninguém sabia o que era a tal Restinga, para onde iriam todos compulsoriamente... Um passarinho informara que seria uma espécie de Vila Mapa... Um pouco aborrecidos, um pouco esperançosos, lá se foram eles.. Quilômetros e quilômetros de estrada e ao final o deserto. (FAILLACE, Zero Hora, 1967 apud GAMALHO, 2009, p.43).

A visão desagradável das malocas que formavam vilas, pessoas que dividiam um espaço pequeno em pontos específicos da cidade, juntamente com o interesse imobiliário por essa área, fez com que o projeto de urbanização e a ideia de remoção ganhasse argumentos (GAMALHO, 2009). As pessoas foram levadas então para este lugar do qual pouco se sabia. Os relatos dos primeiros moradores se resumem em: não tinha nada, água, luz, árvores, comércio, emprego. A única coisa que puderam carregar consigo e ainda assim, de uma forma não digna, foi “o seu único patrimônio, a maloquinha” (NUNES, 1997, não paginado).

Desde então as pessoas que chegavam à cidade e não tinham onde morar eram colocadas na Restinga. E, ao chegar, geralmente iludidos de que teriam casas, acabavam se acomodando em qualquer lugar. Muitos moradores que já residiam no bairro dividiam suas casas, emprestando peças para os novos vizinhos. Aos poucos as pessoas começaram a se organizar, formando associações para exigir direitos. Alguns relatos contam do surgimento de bailes e sobre um padre que rezava missa em uma figueira (NUNES, 1997).

Ao longo dos anos foram desenvolvidos projetos habitacionais, aumentando o número de residentes na Restinga. Houve a formação das ruas e a divisão dos loteamentos. E com muita luta foram construídas escolas, delegacia, posto de saúde e ginásio de esporte. Todas essas conquistas foram sendo agregadas ao bairro ao longo da sua história, pois no início não havia projeto habitacional e as políticas de educação, saúde e transporte custaram a chegar. Os primeiros moradores foram sendo deslocados para a Restinga, sem nenhuma segurança, sem saber o que iriam encontrar, sem saber por que estavam sendo deslocados.

Atualmente, entre os fatores que levam a crer que a população da Restinga é maior do que a divulgada oficialmente estão os projetos habitacionais ocorridos entre 2011 e 2012. A partir desse período foram construídas 1408 unidades habitacionais entregues pelo programa do Governo Federal, Minha Casa Minha Vida. Outro fator são as ocupações de espaços públicos, como por exemplo, praças e áreas de preservação. Esses locais são ocupados por pessoas que não têm onde morar, são esquecidas pelo poder público e privadas de diversos direitos básicos, entre eles, a moradia e saneamento básico. Tudo isso faz com que aumente sempre mais o contingente populacional.

A história do bairro é capaz de transmitir as diversas construções de pertencimento e com isso o trajeto percorrido pelas pessoas marca os espaços.

4 METODOLOGIA

Este capítulo é uma descrição da metodologia que foi utilizada para realização da pesquisa. Apresentamos a natureza da pesquisa, a abordagem metodológica, objetivo, os procedimentos adotados, as técnicas utilizadas para coleta de dados, contendo também uma narrativa das composições da metodologia durante as entrevistas.

4.1 Método

A natureza desta pesquisa é básica, pois “[...] procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.22). A natureza básica não está preocupada com o uso dos dados e sim com a produção de conhecimento.

Quanto a sua abordagem, o estudo é qualitativo porque quer compreender um grupo social, de uma comunidade específica, direcionada para o processo e não para resultados, preocupada em estar no contato direto com as pessoas. Além da aproximação com os moradores do bairro, o ambiente também foi observado, pois influenciou na pesquisa.

Segundo seu objetivo, essa pesquisa é de cunho exploratório e descritivo. É exploratória, pois busca conhecer o tema, procurando uma visão geral. E é descritiva porque, além da exploração do tema, descreve a opinião das pessoas, as relações, e estuda as características de uma comunidade.

O procedimento utilizado foi o estudo de campo, pois seu principal objetivo é o aprofundamento das questões. Outra característica importante dessa modalidade é a delimitação, porque no estudo de campo é escolhido um grupo ou comunidade específica e é ressaltada principalmente sua interação com os moradores. O estudo de campo é mais flexível, pois seus objetivos podem ser alterados conforme o andamento da pesquisa (GIL, 2008). A comunidade escolhida foi a Restinga, os sujeitos da pesquisa, moradores do bairro, o instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista, que é:

[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto [...] é um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.94).

O tipo de entrevista que empregamos nesta pesquisa é a semiestruturada, que consiste em uma entrevista com perguntas pensadas previamente (descritas no Apêndice A), porém, a pesquisadora tem liberdade para acrescentar ou excluir perguntas no decorrer de cada

entrevista, quando perceber a necessidade de modificação. A entrevista semiestruturada foi escolhida, pois busca compreender as relações e impressões dos moradores fugindo de respostas prontas e opções onde poderiam ser encontradas utilizando um questionário. Também não se tinha pretensão de usar uma pesquisa não diretiva, onde são utilizados apenas tópicos e não perguntas, e as respostas são mais abertas. Como era preciso direcionar as falas foi mais adequado utilizar a entrevista semiestruturada.

4.2 Passo a passo

Realizei as entrevistas no mês de abril de 2016 e abordei os sujeitos de forma aleatória nos terminais e nas paradas de ônibus da Restinga. Escolhi os terminais e paradas de ônibus para realizar a pesquisa, pois neles circulam um número grande de pessoas com diversas faixas etárias e profissões e também porque a Restinga é grande e essa foi uma maneira de abranger pessoas de várias localidades, que poderiam oferecer opiniões diferentes para a pesquisa, são quatro terminais então decidi fazer duas entrevistas em cada um, gerando assim oito entrevistas. Realizei também uma entrevista piloto, que contribuiu para reelaboração das perguntas e abordagem, a entrevista piloto também foi utilizada na análise, no conjunto do corpus da pesquisa. O número de entrevistas realizadas e os locais onde abordei as pessoas foram: duas no terminal do ônibus Restinga, duas no terminal da Restinga Velha, uma no terminal da Restinga Nova, uma na parada que compreende o território da Restinga Nova, uma na parada da delegacia e outra na parada do Foro Regional. Foram no total nove entrevistas e dez interlocutores.

O contato inicial com os entrevistados foi realizado nos terminais e paradas de ônibus. Abordava as pessoas na fila do ônibus e começava contando que estava fazendo um trabalho para a faculdade sobre a Restinga. Assim que recebia a resposta positiva, avisava que iria gravar o áudio e iniciava a entrevista. Iniciei algumas entrevistas fora do ônibus e depois continuava dentro dele, durante o seu trajeto. Somente uma das entrevistas do terminal Restinga Velha foi realizada com dois adolescentes ao mesmo tempo, por isso ela tem um diferencial, os adolescentes sentiram maior liberdade para falar e assim pude compreender melhor a relação deles com os lugares. Durante todas as entrevistas, além da coleta das falas, os entrevistados foram convidados a criar um mapa, saindo de onde estávamos até um dos lugares citados na conversa.

As transcrições das entrevistas foram feitas no mês de maio e a transcrição completa está no apêndice B. As análises foram realizadas entre os dias 25 de maio até 3 de junho. Os nomes dos

interlocutores da pesquisa foram substituídos por cognomes para preservar sua identidade. No decorrer das análises foram identificadas quatro categorias: reconhecimento, história, encontro e importância social. Fazendo a relação com os autores já apresentados neste trabalho, houve a transformação das categorias: **patrimônio cultural**, que abrange reconhecimento e história, e **sociabilidade**, que envolve o encontro. A categoria importância social foi identificada nas entrevistas, mas não foi abordada no capítulo de análise, pois demandaria autores específicos e poderia ser desenvolvida em outra pesquisa.

4.3 Narrativa dos processos de composição das entrevistas

Essa narrativa apresenta as impressões obtidas durante a composição das entrevistas, por isso a escrita foi construída de forma mais pessoal, livre e poética, buscando transmitir os sentimentos percebidos nos encontros com os interlocutores.

Fazer pesquisa é quebrar a rotina. A pesquisa qualitativa mexeu com a minha rotina e também com a rotina das pessoas que fizeram parte desse “descobrir” o patrimônio. A entrevista piloto rendeu uma grande experiência, de como segurar o gravador, como descontrair a conversa, que formas de perguntar ficam mais claras e que dá sim pra desenhar no ônibus. Alguns elementos como a prancheta intimidam as pessoas. A primeira impressão é de estar fazendo questionários, e os questionários estão relacionados a números e opções, como sim ou não, ou como notas 0-9, idade, nome e telefone. Mas quando cheguei às pessoas e disse que eram algumas perguntas sobre a Restinga e que seria uma conversa, os interlocutores se sentiam mais a vontade, a prancheta e o gravador se tornavam objetos distantes, não influenciando mais as falas das pessoas naquele momento.

Já no fim da pesquisa, quando chegava na parte de criar um mapa, vinha o receio: “Ah moça, mas eu não sei desenhar”, aí eu justificava: “São só traços, podem ser linhas, só me indica que ruas são, alguns pontos”. Um dos interlocutores, já de mais idade, me olhou várias vezes, com um olhar desconfiado, e disse: “não, mas eu não posso, eu não sei, vou fazer errado”. Tive a impressão que ele não sabia escrever e pensei: Quando será que alguém lhe deu o poder de desenhar? A possibilidade de registrar, de usar a imaginação, de conduzir alguém por um caminho tão pessoal e ao mesmo tempo rotineiro? Observei olhares curiosos dos que estavam à volta.

Mas não foi apenas a rotina das pessoas entrevistadas que foi alterada, a minha também. Percebi que podemos usar papéis, personagens, e eu estava usando o personagem errado, o primeiro personagem era de moradora. Eu saía de casa para pegar ônibus e, se por acaso

conseguisse uma entrevista, seria lucro. Esse papel me prendia a uma série de atitudes que eu não conseguia me desfazer, impulso para chegar às pessoas, quebrar aquela primeira barreira de vergonha, estranhamento, não foi fácil. Mas foi na primeira entrevista com alguém completamente desconhecido que tive mais problemas. As coisas não estavam andando.

Foi então que resolvi encarar outro papel, o de pesquisadora, esse já me permitia ousar mais, era uma posição que saía fora daquela realidade. Neste dia saí de casa, não mais como uma moradora, mas sim como pesquisadora, querendo descobrir que lugares eram importantes para as pessoas. Esse personagem contribuiu para quebrar todas aquelas barreiras, chegar às pessoas e fazer as perguntas.

Ao longo dos anos de estudo na universidade estudamos o tempo inteiro o quantitativo, o lógico, e dificilmente falamos no qualitativo, de experiências, das relações. Nesse sentido, penso que os instrumentos da pesquisa qualitativa podem contribuir para a formação e compreensão de uma visão mais humana.

5 EU TÔ PERCEBENDO QUE EU NÃO APROVEITO A RESTINGA: apresentação e análise dos dados de campo

Deixa eu ver o que mais tô tentando não pensar coisas de comida.

A própria Quadra seria um lugar, até pra eu conhecer [...]

É porque todo mundo quando fala de Restinga, relaciona com o carnaval.

Acho que é por isso.

Eu tô percebendo que eu não aproveito a Restinga (Sofia, 2016)

Neste espaço de escrita expomos elementos retirados das diferentes entrevistas realizadas. Organizamos o texto da seguinte forma: no primeiro dos subitens do capítulo são identificados e definidos os lugares mencionados nas entrevistas. Estabelecemos as definições considerando as falas desses entrevistados. No segundo subitem apresentamos e analisamos os dados de campo a partir das categorias: patrimônio cultural e sociabilidade.

5.1 Os lugares

Nesta seção apresentamos os lugares escolhidos pelos entrevistados como locais que usam na Restinga. O quadro 1 contém, na primeira coluna, os agrupamentos criados para maior entendimento dos locais, na segunda coluna aparecem os locais e nas demais colunas de 0 a 9 são marcados em quais entrevistas esses locais aparecem. Escolhemos esta forma de apresentação dos locais para facilitar a visualização.

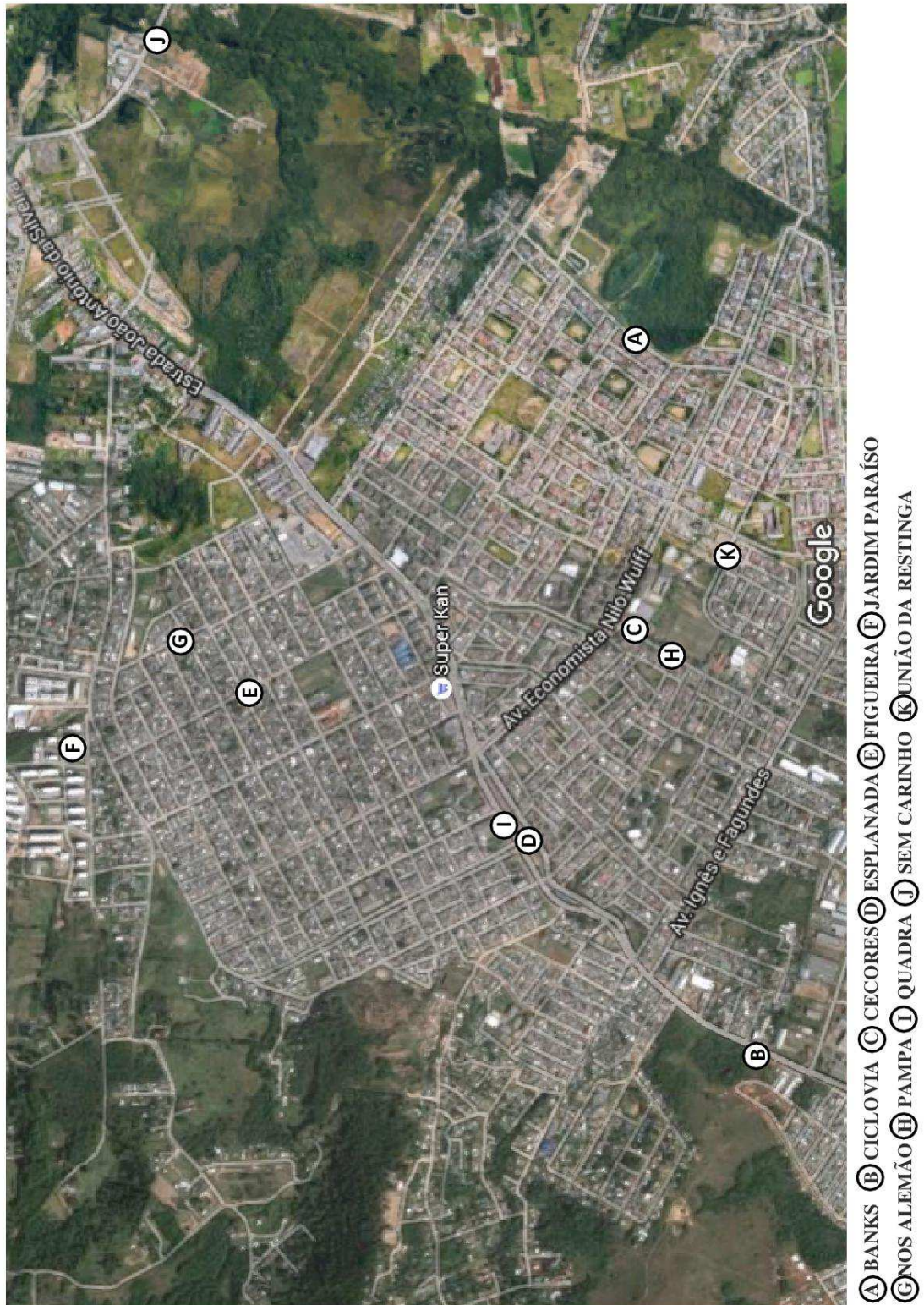
Quadro 1 – Locais mencionados pelos entrevistados

Agrupamentos	Local	Interlocutores								
		Sara	Inajara	Giovana	Roberto	Andrea	Sofia	Ana	Jessica e Kauã	Maiara
Comércio	Academia			X						
	Banco							X		
	Lojas							X		
	Parada 10						X			
	Ravena						X			
	Sem Carinho					X				
	Sorveteria									X
	Supermercado	X								
Instituições sociais	Centro de Promoção da Infância e da Juventude (CPIJ)	X							X	X
	Dunga									X
	Monteiro Lobato	X								
	Renascer da Esperança	X					X			
Ruas	Campo de futebol				X					
	Ciclovía	X					X			
	Figueira				X					
	Jardim Paraíso								X	
	Mato (paisagem) na quinta							X		
	Nos alemão								X	
	Praça na quinta unidade							X		
	Praça perto do Super Kan									X
	Rua	X								
	Terminal 209 (paisagem)						X			
Vilas	X									
Própria casa	X	X	X		X	X				
Espaços de lazer	Banks						X			
	Centro de Comunidade Restinga (CECORES)	X		X	X	X			X	
	Esplanada	X	X	X		X	X	X		X
	Pampa	X		X						
	Sede				X					
	Sete fachadas				X					
Escola de samba	Quadra	X			X	X	X		X	
	União da Tinga								X	
Outros locais	Hospital									X
	Colégio								X	
Igreja	Católica	X								
	Não informado							X		

Criamos o quadro 1 para um melhor entendimento dos locais citados nas entrevistas, agrupando os lugares nas seguintes definições: comércio, que inclui academia, bar, locais de lanche, mercados, banco e lojas; instituições sociais, que são instituições que atendem crianças carentes no turno inverso da escola; ruas, que são locais públicos onde qualquer um pode circular; própria casa, porque muitos interlocutores destacaram como um lugar de encontro; espaços de lazer, lugares públicos onde as pessoas se encontram para lazer e esporte a sede, que é como se fosse uma associação de moradores que não existe mais, e o sete facadas, um bar muito conhecido que também não existe mais; escola de samba, que abrange as duas escolas que existem no bairro; igreja, apareceram duas igrejas distintas; os outros locais apareceram uma vez e não se encaixam em nenhum dos grupos, o hospital e o colégio. Com o quadro podemos observar os locais que apareceram em mais de uma entrevista e os que aparecem em apenas uma fala.

Apresentamos a seguir os lugares identificados pelos entrevistados. Foram escolhidos apenas os lugares de maior relevância para a pesquisa, os que foram mais frequentes ou que na fala foram apresentados de maneira mais evidente. Adotamos o mapa da Restinga como forma de apresentação. Optamos por identificar no mapa os espaços mencionados pelos entrevistados, pontuando os locais com letras de A a K. Logo após visualizamos a lista alfabética dos lugares acompanhada de uma breve descrição construída a partir das falas. Essa descrição contém o endereço e uma imagem com intenção de contextualização do lugar.

Figura 1- Mapa da Restinga



Fonte: Googlemaps, 2016

A) **BANKS:** O Banks é um espaço com duas pistas de skate que fica localizado na Rua Gov. Peracchi Barcellos. É frequentado, em sua maioria, por jovens. O espaço é cercado por árvores e não existem bancos, nem outros aparelhos de esporte no entorno. Como podemos ver no mapa, fica em um dos extremos do bairro.

Figura 2- Banks



Fonte: Googlemaps, 2016

B) **CICLOVIA:** A ciclovia é uma via exclusiva para bicicletas. No bairro Restinga, começaram a ser construídas a partir de 2010 e ainda hoje estão sendo finalizadas. A ciclovia é muito utilizada pela comunidade, inclusive os ciclistas dividem esse espaço com os pedestres, pois na Restinga quase nunca tem calçada e também com automóveis, que muitas vezes utilizam esse espaço como estacionamento.

Figura 3- Ciclovia



Fonte: Googlemaps, 2016

C) **CECORES:** O Centro de Comunidade Restinga é um local que a comunidade usa para atividades culturais e esportivas. É formado por: um ginásio onde acontecem shows, debates políticos, eleições do orçamento participativo e campeonatos esportivos; salas que são utilizadas para dança, aulas de ginástica e para reuniões; quadras ao ar livre, onde

geralmente a juventude joga basquete e futebol; e piscinas que são usadas principalmente no verão para aulas de natação e também para lazer. O espaço é administrado pela prefeitura.

Figura 4- CECORES



Fonte: Googlemaps, 2016

D) ESPLANADA: É a maior praça da Restinga. Está localizada no centro do bairro, na Estrada João Antônio da Silveira, e em seu entorno há uma delegacia, a Escola de Samba Estado Maior da Restinga, a Casa da Sopa, o Foro Regional, uma associação de moradores e os Bombeiros. No centro da esplanada há uma construção elevada com degraus em toda volta, semelhante a um palco, cercada por oito colunas circulares. Em um dos extremos da esplanada há uma quadra de areia cercada por uma tela. Ao longo de toda esplanada há bancos e árvores. Nela acontecem diversos eventos, entre eles: a Feira Modelo, feiras de artesanato, Feira do peixe, atividades culturais e religiosas.

Figura 5- Esplanada



Fonte: NA RESTINGA...2012.

- E) **FIGUEIRA:** Era uma árvore de grande porte, ponto de referência para localização na Restinga Velha. Uma rua foi construída preservando em seu centro a figueira. Há alguns anos a árvore apodreceu e foi plantada outra em seu lugar.

Figura 6 – Figueira atual



Fonte: Googlemaps, 2016

- F) **JARDIM PARAÍSO:** é um condomínio construído pelo programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida. Está localizado na Estrada Barro Vermelho, nº 971. Dentro do condomínio existem praças e quadras de esporte.

Figura 7- Jardim Paraíso



Fonte: Googlemaps, 2016

- G) **NOS ALEMÃO:** “Os alenão” é o nome dado à um dos grupos que atuam no tráfico dentro do bairro. O território que eles dominam já está não marcado que é conhecido como Beco dos Alenão. Existem relatos da comunidade que eles arrumam os ambientes do território. Em datas comemorativas eles montam um palco e fazem uma festa para a

comunidade, colocam música e brinquedos. Esse lugar fica nas mediações da Rua Manoel Farias da Rosa Primo.

Figura 8- Entrada do Beco dos alemão



Fonte: Googlemaps, 2016

H) PAMPA: O pampa é um campo de futebol, o maior da Restinga. É ocupado principalmente nos finais de semana com o futebol clássico e também com rugby. Está localizado entre a Av. Macedônia e a Rua Álvaro Difini. Já foi palco de comícios políticos, recebendo os cantores como Zezé de Camargo e Luciano e também o ex-presidente Lula. O campo, com gramado natural, possui arquibancada, além de espaço destinado à corrida e caminhadas. Acima da arquibancada há algumas árvores e bancos.

Figura 9- Pampa



Fonte: Googlemaps, 2016

I) QUADRA: A escola de samba Estado Maior da Restinga, citada pelos moradores como “Quadra”, está localizada na Estrada João Antônio da Silveira. É um espaço coberto, semelhante a um galpão, onde acontecem os tradicionais ensaios para o carnaval e também para festas durante o ano. Possui uma área aberta e também piscinas. Um dos

sambas-enredo da escola gerou um jargão para a comunidade, que é “Tinga teu povo te ama”, e seu símbolo é um Cisne branco.

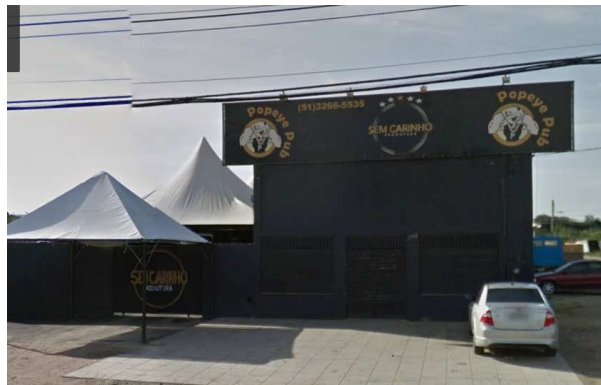
Figura 10- Fachada Estado Maior da Restinga



Fonte: Googlemaps, 2016

J) SEM CARINHO: É o nome da produtora que promove os MCs¹ da comunidade, ela realiza eventos numa casa de festas chamada Popeye. Está localizada na saída da Restinga, na Av. Edgar Pires de Castro. Dentro da Restinga existem poucas opções de espaços para festas, sendo esse um dos únicos lugares.

Figura 11- Fachada Sem Carinho



Fonte: Googlemaps, 2016

K) UNIÃO DA TINGA: é uma escola de samba do bairro que teve origem porque alguns integrantes da Estado Maior da Restinga se desentenderam e decidiram fundar outra escola. A União da Tinga está localizada na Rua Álvaro Difini, nº 380. Nesse espaço também acontecem festas fora da época do carnaval.

Figura 12- Fachada União da Tinga

¹ Neste contexto MCs é o nome dado aos cantores de funk.



Fonte: Googlemaps, 2016

5.2 As relações

Apresentamos neste subitem parte dos dados de campo que foram analisados a partir das categorias **patrimônio cultural** e **sociabilidade**, sendo essas categorias os tipos de relações que os interlocutores demonstraram sobre os lugares destacados nas entrevistas.

O patrimônio cultural também são as relações, as formas e os lugares que representam determinados grupos. Os lugares devem ser reconhecidos, importantes para as pessoas, são lugares que fazem parte de uma história coletiva, ou que simplesmente fazem parte de histórias individuais e por isso se tornam importantes. Esses espaços podem ser usados pelas pessoas com frequência ou não, mas, mesmo que não sejam utilizados, são reconhecidos. Por isso, dentro da categoria patrimônio cultural, identificamos duas subcategorias: **reconhecimento** pelo espaço e **história**, que pode envolver histórias do bairro e também história dos próprios indivíduos.

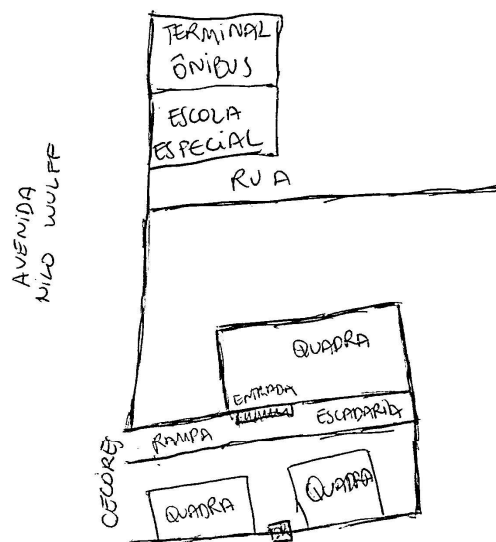
Iniciamos então com os relatos que estão relacionados com o reconhecimento pelos locais. Os trechos a seguir são da primeira interlocutora, com quem fizemos a entrevista piloto. Nossa conversa durou todo o trajeto do ônibus, do centro até a Restinga, porque também somos amigas. Gravamos a entrevista em uma parte do trajeto, mas continuamos falando depois sobre o assunto. Ela citou alguns lugares que reconhece como importantes para a comunidade:

O CECORES [...] É um espaço que a comunidade teria de lazer assim, tem quadra de basquete, de vôlei, futebol, e eu acho que é um espaço importante assim pra gurizada né, que eles tem pra praticar coisas diferentes e que eles gostam né, futebol, vôlei, essas coisas [...] Bah, eu já ouvi falar bastante coisa do Pampa [...] É o campo de futebol, é o maior campo acho que tem na Restinga pra esporte e é do lado do CECORES. Eu já ouvi bastante coisa assim de quando não tinha grama que era só areão. Tem bastante história que eu já ouvi (Sara, 2016).

Entre os lugares citados na entrevista, estão destacados nessa fala o CECORES e o Pampa. O CECORES é descrito como um espaço alternativo, principalmente para juventude, e um espaço para praticar esportes. E o Pampa foi identificado como o maior campo de futebol da Restinga. O modo como ela falou sobre os lugares mostrou seu olhar de fora,

pensando no que é importante para a comunidade e não os lugares que ela usa individualmente, ressaltando que espaços são mais utilizados. Crivelli e Bizello (2012) apresentam esse critério: para que os lugares sejam identificados como patrimônio é necessário que a comunidade o reconheça como tal. Se esse reconhecimento não existir, este lugar não será efetivado como patrimônio (CRIVELLI, BIZELLO, 2012). Portanto, a partir desse relato e dos critérios ressaltados pelos autores, podemos entender que esses lugares descritos pela interlocutora são patrimônio cultural pelo reconhecimento que eles carregam.

Mapa 1- Sara



Observando o trajeto desenhado por Sara (Mapa 1), percebemos que seu ponto de partida é o terminal Restinga Nova, dando prosseguimento até o CECORES. Ela desenha com detalhes as quadras do CECORES, demonstrando que conhece bem o espaço. Durante a conversa, após já ter desligado o gravador, ela ainda relatou sobre sua relação de vida com os lugares, como o Pampa, por exemplo, que ela passava todos os dias quando criança, para ir até a casa de sua avó. O Pampa, segundo ela, fazia parte desse trajeto rotineiro, passando por ali praticamente todos os dias, e por isso carrega um vínculo afetivo.

A sétima entrevista, que foi a mais desafiadora, foi realizada com dois adolescentes no terminal da Restinga Velha. Eles estavam esperando o A17, um ônibus que circula por dentro do bairro gratuitamente. Durante a entrevista eles foram bastante participativos. Quando cheguei, estando acompanhada de minha irmã, passei por eles e fui tentar falar com um rapaz, o qual respondeu negativamente. Quando voltei, minha irmã conversava com eles, e todos estavam muito curiosos sobre o que eu estava fazendo. Decidi então fazer as perguntas. Iniciamos a entrevista na parada e, quando o ônibus chegou, continuamos lá dentro. Ao

perguntar: ‘Tem algum lugar na Restinga que vocês acham importante?’, logo responderam: ‘Tem a União da Restinga, que é o pagode [...] É um lugar que tem o samba, vai toda comunidade, vai quase toda comunidade’ (Jessica, 2016).

Quase sem pensar eles me falaram sobre a União da Tinga e, de primeira, responderam ‘vai toda comunidade’. Identificaram como importante um lugar que todos frequentam, que todo mundo vai. Sendo assim, a importância do lugar está vinculada também à presença das pessoas num determinado lugar. Mais uma vez encontramos o reconhecimento do que é do coletivo, e não apenas do que é individual.

Iniciamos aqui a apresentação das narrativas onde são ressaltados os relatos que foram identificados como relações das histórias pessoais e histórias do bairro.

Sofia estava na parada da Livraria Papel Novo, três paradas depois do terminal Restinga Nova. Esperamos o ônibus para iniciar as perguntas, enquanto isso conversamos sobre outras coisas. Quando subimos no ônibus, ela sentou e eu fiquei de pé. Iniciamos as perguntas e ela foi muito espontânea. As pessoas que estavam próximas acharam engraçado e olhavam com expressões curiosas para nós duas. Seguem os relatos da Sofia sobre alguns lugares destacados por ela:

Na verdade eu não sei se seria um lugar de encontro, mas seria para um propósito, que é pra promover o carnaval e quando eu era mais nova eu queria ir e a minha mãe não deixava, por causa da estrutura, tinha medo que caísse alguma coisa na minha cabeça [...] Ah, é um espaço que é legal porque tem shows, tem feira, eu aprendi a andar de bicicleta, de roller, de Skate [...] Sim, era o lugar que eu mais ia (esplanada). Ah depois tinha a ciclovía, dava pra andar também, mas como a ciclovía é uma coisa nova, pra brincar mesmo era a esplanada (Sofia, 2016).

Os espaços passam a fazer parte de histórias e situações que vivemos. Como a Esplanada para a Sofia, lugar que ela aprendeu a andar de bicicleta e usava muito para se divertir. São lugares que nos trazem memórias e que temos histórias para contar. Na sua fala percebemos que os lugares que ela cita trazem histórias, são significados pela rememoração de acontecimentos, das formas de uso, de rotinas (CHOAY, 2006). Ao comentar sobre a Escola de Samba, o lugar já remeteu a um acontecimento que ela teve quando queria conhecer o espaço que lhe foi proibido pela mãe. Essa situação a levou a pensar que esse seria um dos lugares que ela gostaria de conhecer, e que ela apresentaria para alguém de fora que quisesse conhecer a Restinga.

Encontrei o Sr. Roberto no terminal Restinga, já havia visto ele antes, ele é vendedor ambulante, mora na Restinga há muitos anos e pode oferecer um olhar de quem viu muitas

transformações. Contou diversas vezes como era e como é hoje o bairro, e também das situações que ele mesmo participou:

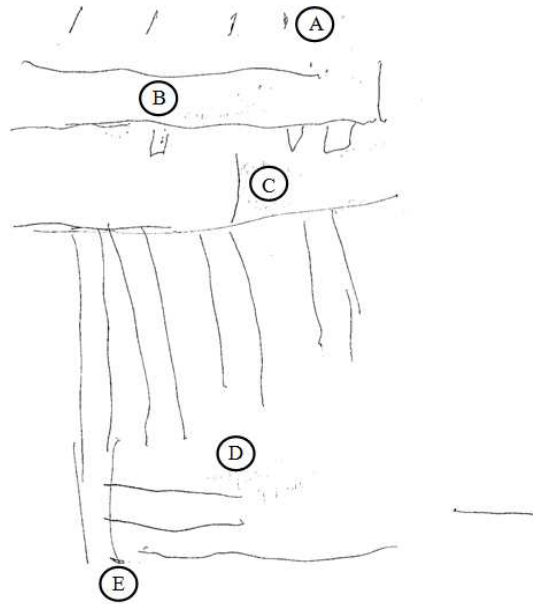
Era um ônibus por dia dois. Só existia a Restinga Nova ali oh (apontando) a velha, era uma fachada, tinha umas casinhas que era da prefeitura, chalezinho, que morava nas casinhas podia se considerar rico. Ai com o tempo o pessoal morava tudo pra trás, eu, por exemplo, morei pra trás, lá era tudo casebre, era de madeira, que traziam do mercado da praia de belas naquela época, na frente do mercado, traziam papelão, caixa de tomate, era uma pobreza danada, tu olha dentro da Restinga Velha hoje tu não diz o que, que era. Isso aqui tudo era mato, trabalhei desde guri novo desmatando ali (aponta) (Roberto, 2016).

A relação da história pessoal com a história do bairro fica evidente nestes relatos, tanto por ter participado da construção do bairro, como ele mesmo afirma, quanto por lembrar-se de como era no início. Nesse sentido, quando há o reconhecimento do surgimento, um sentimento de participação na construção dos lugares, essas relações acabam gerando uma percepção de que se faz parte daquela história (SANTOS, NASCIMENTO, 2012).

Vim pra cá eu tava com 20 anos. Eu fiz 64 agora [...] Morei no Cristal, no Estaleiro Só, e daí tiraram a vila dali e trouxeram pra cá. [...] tinha a Sede, aonde tinha a reunião dançante [...] Era uma casa grande tinha reunião dançante, aquela época o pessoal curtia um som bem legal ali dançava, era bonito aquela dança nossa. Claro que agora tudo mudou né, mas era muito lindo e os campo de futebol, o pessoal se reunia os dois times, naquele tempo é o chamava os gaúcho e os catarina [...] Chamava Sete Facadas, era uma salão grandão, na Restinga Velha na mesma rua que tinha a sede. A gente queria dançar com a moçinha ia. Ia arrumar namorada pra curtir a vida, tinha lá sertanejo pra dançar agarradinho, e uma chinchada, e era assim. Era um local mais tranquilo se queria curtir tu ia lá. Agora se tu queria namorar ia lá dançar na sede. E o futebol que era muito lindo (Roberto, 2016).

Nas lembranças do Sr. Roberto, dos tempos em que saía para dançar, ele nos apresenta dois lugares que não existem mais atualmente, a Sede e o Sete Facadas. A Sede era como uma associação de moradores, com música e dança, era um lugar social. Já o Sete Facadas era um espaço mais liberal para curtir. Na visão de Roberto, as meninas que frequentavam a Sede eram para namorar, e as que frequentavam o Sete facadas eram “só pra curtir a vida”. Enquanto ele contava essas memórias, era como se vivesse novamente as danças e o futebol. Nesta perspectiva, Santos e Nascimento (2012, não paginado) afirmam: “São essas características comuns, ou os lugares que suscitam memórias coletivas o que percebemos como patrimônio cultural”. Por isso, podemos considerar que esses lugares são patrimônio cultural, são lugares que despertam as histórias que aconteceram.

Mapa 2- Sr. Roberto



No mapa do Sr. Roberto (Mapa 2), num primeiro olhar, enxergamos somente alguns riscos. Tive a impressão de que ele não sabia ler, por isso fez só os traços, mas enquanto desenhava foi explicando o que significava cada traço e em seguida fiz as anotações com lápis. Ele desenhou: algumas casas (a), a esplanada (b), a escola de samba (c), o campo de futebol (d) e a figueira (e).

A segunda categoria identificada nesse estudo é **sociabilidade**, que é o sentimento de pertencimento que um indivíduo tem por um grupo. Em cada grupo que participamos temos características parecidas e quando estamos nesse grupo existe um sentimento de estar completo. Existem lugares que geram o mesmo sentimento, lugares que as pessoas se encontram, procuram para ter interações que geram sociabilidade. Lugares para se divertir, para conversar, para tomar chimarrão, para se encontrar. A seguir destaco os relatos que foram identificados como lugares de sociabilidade e sua análise.

Cheguei na Andreia por casualidade, pois estava esperando as pessoas chegarem no terminal Restinga Velha. Chegou um senhor de mais idade e eu logo fui, pois tinha entrevistado poucos homens. Ao começar a conversa ele disse que havia se mudado recentemente para a Restinga e que não conhecia nada ainda. Para não perder a tentativa, vi a Andreia e decidi perguntar, apesar de achar que ela não iria aceitar. Para minha surpresa, ela quis responder minhas perguntas e ao questionar sobre lugares que ela procura para se divertir, ela disse:

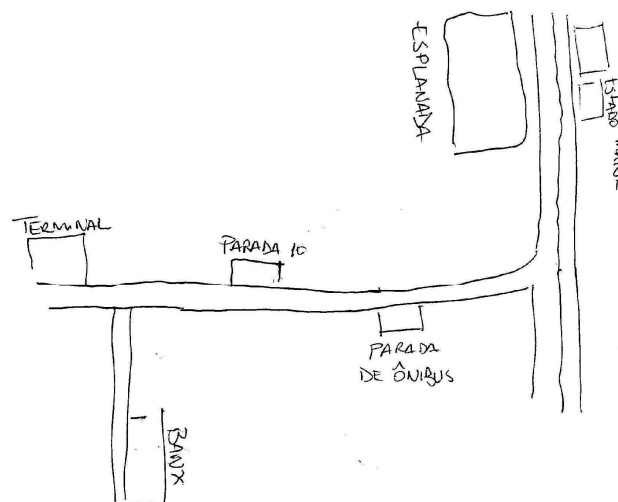
[...] eu gosto muito de baile funk, e eu vou na casa do Sem Carinhos, na Edgar pires de castro, na entrada da restinga. Não tive nenhum problema até agora de assalto nem de roubo, nem nada. Mas é uma coisa que eu gosto de curtir, eu acho. Quando a gente entra é revistado. Tem aquele momento de lazer né, mas pra mim eu acho seguro de repente pra outras pessoas não, eu curto eu gosto. [...] Tem a esplanada também que é um centro histórico também da Restinga, onde às vezes tem eventos,

tem a escola de samba, então tu pode ir lá, tomar um chimarrão [...] Costumo assim, vou com meu filho vou com amigos também, sentar lá curtir, rir, dar risada, beber, essas coisas assim (esplanada) (Andreia, 2016).

Eu acho que a esplanada é lugar legal, que as pessoas se encontram, tomam chimarrão, ficam conversando. É um lugar que da pra tu sentar, pra tu tomar um chimarrão, mesmo eu não gostando de chimarrão... pra tu conversar. Quando eu era mais nova a gente ia no “Banks” que é lá embaixo (Sofia, 2016).

Nas falas da Andreia, os lugares que ela reconhece são os que ela usa para se divertir, como o Sem Carinho, que ela vai para dançar funk, espaço para curtir, dançar, pois, como destacado anteriormente, existem poucos espaços assim na Restinga. Ela destaca também a Esplanada, lugar que a interlocutora Sofia também indica como lugar para conversar, tomar chimarrão. Esses são os lugares onde acontece a socialização, a interação entre os indivíduos, e essa convivência gera a sociabilidade (SIMMEL, 2006).

Mapa 3- Sofia



No seu mapa (Mapa 3) Sofia desenhou o Banks, a pista de skate que frequentava na adolescência. Desenhou também a esplanada, lugar onde ela vai pra conversar e onde, quando era criança, aprendeu a andar de bicicleta. A pista de skate também revela um grupo social que utiliza esse espaço, sendo este um lugar que gera sociabilidade, sentimento de pertencimento por esse grupo e consequentemente pelo lugar.

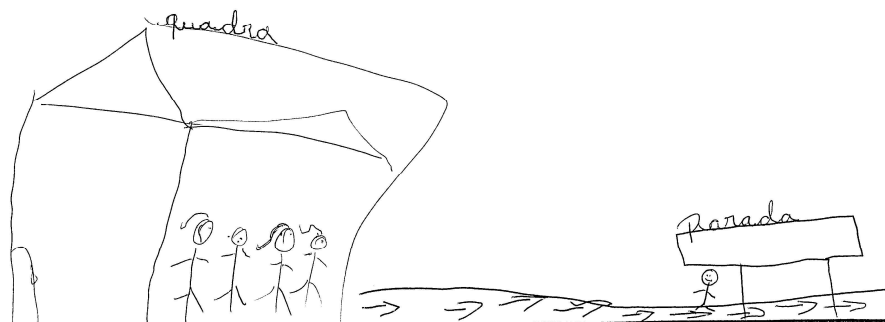
Abaixo seguem mais alguns relatos da entrevista sete, que foi com dois adolescentes, por isso a apresentação é diferente das outras, utilizando as iniciais J de Jessica, K de kauã, e R de Regina, nome da pesquisadora.

J: ah eu gosto de jogar bola com as amiga lá dos apartamento. R: e onde é? J: Lá no Jardim Paraíso, gosto de ir no cpm (CPIJ). R: na rua assim? J: na rua, mas lá como é

apartamento tem uma quadra de futebol. Na rua tem criança que joga taco e na quadra a gente joga bola. K: eu gosto de jogar basquete, dança, futebol de vez em quando, vôlei. R: e onde vocês fazem isso? K: Ali no com (CPIJ) né... ah e karatê. J: eu prefiro mais capoeira e karatê [...] K: Dia das mãe alguma coisa assim é lá nos alemão. R: Onde é que eles fazem, na rua? J: Na rua. K: Eles pegam e botam baita de umas lonas, grandonas. R: E eles põem músicas? J: Põe uma músicas, vai vários MCs da Restinga. K: Vai mc negão, MC Pedrinho, vai um bandão de MC, até MC Tati.

A Jessica e o Kauã observam com muito mais proximidade a Restinga, eles falam dos lugares com mais naturalidade e apresentam entre outros o Beco dos alemão. A rua, o espaço e a boca de tráfego se confundem em uma coisa só, o lugar já não é mais a Rua Manoel Farias da Rosa Primo. O reconhecimento por parte das pessoas e a imposição por parte do grupo de tráfico fez com que o lugar tivesse outro nome, o “beco dos alemão”. Além do tráfico de drogas, eles cuidam dos lugares. Depois de desligar o gravador, os entrevistados relataram que “os alemão” arrumam as praças, pintam e proporcionam esse espaço de lazer, colocando som na rua em dia de festa. Eles se apropriaram da rua, tornaram o lugar um espaço de socição, e há também uma sociabilidade, pois quem mora lá se identifica, assim como quem mora fora do beco também identifica o espaço.

Mapa 4- Jessica e Kauã



Jessica e Kauã desenharam no mapa (Mapa 4) a quadra da escola de samba, que também foi citada na entrevista, e desenharam a quadra semelhante a uma casa, com pessoas dentro dançando. Não estávamos tão perto da quadra quanto no desenho, pois a parada fica um pouco mais longe, isso indica uma proximidade sentimental imaginada que se concretiza no desenho. Na entrevista eles destacaram principalmente espaços que as pessoas utilizam para se divertir, como as duas escolas de samba do bairro.

Essas menções trazem à tona a importância da manifestação cultural representada na instituição Escola de Samba. Talvez um dos elementos mais representativos seja o jargão: “Tinga teu povo te ama”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo serviu primeiramente para registrar os lugares que contém significados para os moradores. A Restinga possui uma história de conquistas e sacrifícios, já registrados em outros trabalhos acadêmicos. Essa história de conquistas gera um sentimento de orgulho por participar. Muitos moradores carregam esse sentimento e demonstram isso, seja nas falas ou no samba enredo da escola de samba. Eu escolhi esse trabalho para registrar esse orgulho e também esses lugares que fazem parte tanto da minha história, como da história dos interlocutores da pesquisa, e também de muitos outros moradores.

Retomando a questão de pesquisa escolhida para ser respondida: ‘Como a comunidade da Restinga reconhece seu patrimônio cultural?’, e dentro dela o questionamento sobre a existência de um patrimônio cultural, identifico, a partir desse estudo, que existem sim lugares especiais para a comunidade, e que existe uma relação significativa com esses lugares, seja de reconhecimento, de história pessoal e coletiva, ou também de sociabilidade.

Alguns dos lugares que apareceram já eram esperados por serem lugares de reconhecimento histórico das pessoas, como a Esplanada, o CECORES, a Escola de Samba. Alguns foram surpresa: Banks e a Ciclovia. Se o “eu” moradora tivesse que escolher um lugar com o qual me identifico, este lugar seria o ônibus. O ônibus seria um dos lugares que eu mais identifico como espaço de sociabilidade com outros moradores, sejam conhecidos ou não. Muitas vezes já pensei no tempo que passo dentro do ônibus. Moro na Restinga desde que estava na barriga de minha mãe e há mais ou menos sete anos estudo no centro de Porto Alegre, me deslocando todos os dias de semana e passando durante muitos desses anos o dia inteiro fora de casa. Descontando os finais de semana e alguns meses de férias, fiz as contas, e nesses sete anos passei 105 dias no ônibus, contando duas horas por dia.

Bom, chego à conclusão de que passo, ou melhor, nós moradores passamos muito tempo dentro do ônibus. Nesse tempo de convivência com as pessoas, sou muito reparadora e já vi como se criam as relações. Pessoas passam a conversar, se conhecem no ônibus e depois criam amizade fora dele. Já presenciei até mesmo a realização de um amigo secreto de fim de ano dentro do ônibus, incluindo o motorista e o cobrador. Situações pessoais, eu teria diversas histórias pra contar: quando saímos em grupo e voltávamos do passeio cantando, fazer reuniões na viagem, conversas, ou outras coisas que faço sozinha, como estudar, ler, almoçar, lanchar, ouvir música, desenhar, dormir, é como se fosse meu tempo livre.

Além de registrar esses lugares significativos essa pesquisa propõe contribuir para a Biblioteconomia de forma metodológica e também teórica. A metodologia qualitativa poderia ser

mais difundida no curso. Analisamos tudo do ponto de vista institucional, reconhecendo o que é patrimônio a partir daquilo que é tombado, poucas vezes olhamos do ponto de vista do reconhecimento pela comunidade. Ao entrevistar os moradores estive em contato com um acervo vivo que não está registrado em livros e sim nas memórias pessoais.

A discussão de patrimônio cultural não é difundida na área, são atípicos os estudos sobre patrimônio na Biblioteconomia, essa é uma das angústias que carrego. Assim, a proposta é que se trabalhe o patrimônio para que as bibliotecas sejam um desses lugares especiais para uma comunidade. Existe uma biblioteca na Restinga e ela não apareceu em nenhuma das falas, portanto, em nenhuma das categorias, nem como patrimônio e nem como lugar de sociabilidade. Por isso, a importância da discussão para que nós bibliotecários possamos costurar a biblioteca com a comunidade, e esse possa ser um lugar de lazer, de diversão, de memória. O conceito de patrimônio cultural com a perspectiva na comunidade pode contribuir muito para o curso.

Por fim, gostaria de apontar como perspectiva futura um estudo aprofundado dos locais apresentados nesse trabalho, pesquisar sobre o surgimento desses lugares, e como foram suas construções. Outra forma de abordagem que pode ser pesquisada é a observação desses lugares, de que maneira as pessoas interagem. Acredito também ser possível contribuir com a comunidade através do questionamento sobre os lugares que são utilizados ou que fazem parte da história para que as pessoas possam identificar esses lugares como patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, **Diário Oficial da União**, Sessão 1. 5 out. 1988. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 27 nov. 2015.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. Patrimônio, Documentos e Informação. **Ibersid**, Zaragoza, v.6, p.173-178, 2012.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- GAMALHO, Nola. **A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representações no Bairro Restinga Porto Alegre RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOOGLEMAPS. **Imagens**. c2016 Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Restinga,+Porto+Alegre+-+RS/@-30.1468209,-51.1842746,13z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x95199b0a41e6e85f:0x8171edf349297ae!8m2!3d-30.1547421!4d-51.1391734>>. Acesso em: 7 jun. 2016
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- NA RESTINGA, Toni Proença dá sequência à construção do Plano de Governo do PPL de Porto Alegre . 2012. 1 fotografia. Disponível em: http://www.pplrs.org.br/index.php?conteudos=noticias/ler_noticia.php&codigo=229 Acesso em: 1 jun. 2016.
- NUNES, Marion Kruse. **Memórias dos Bairros: Restinga**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1997.
- OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE. **Restinga**. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=93_0_0>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Minha casa, minha vida**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_secao=133>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Jílio Ricardo Quevedo dos; NASCIMENTO, Cosete Nascimento do. O Patrimônio Cultural no município de Bossoroca/RS. **Estudios Historicos**, Rivera, n.8, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial:** Paris, 17 de outubro de 2003. Paris, 2006. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, 2006.

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O que você gosta de fazer em seus horários livres na Restinga?

Que locais do bairro você procura para se divertir? Que locais você acha que existem para se divertir?

Onde eles estão localizados, como chegar até eles?

Se você tivesse que falar sobre a Restinga para uma pessoa que nunca esteve aqui, que locais você apresentaria?

Você acha que algum espaço aqui da Restinga é importante para a comunidade?

Existe algum espaço, que você não frequenta, mas que considere importante para a comunidade?

Existe algum lugar que você considera importante para a história do bairro?

APÊNDICE B- ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista Sara, jovem, 20 anos, terminal Restinga Nova.

O que tu mais gosta de fazer na Restinga? E onde?

O que eu mais gosto... eu gosto de sentar na esplanada pra conversar.

Que lugares que tu procura na Restinga fora do horário de trabalho?

Supermercado (risadas) Não sei, eu gosto de andar pela ciclovia também, é um lugar legal assim na Restinga.

Por quê?

Porque sei lá, eu gosto da ciclovia.

E onde tu encontra as pessoas, quando tu vai encontrar teus amigos, tua família, onde vocês se encontram?

Na restinga?

É

Em casa.

Fora tua casa tem algum outro lugar que tu procura?

A igreja (risadas). Acho que da família normalmente a gente se encontra em casa, mas a gente não sai muito pela Restinga. Agora pra encontrar amigos, essas coisas, ou é mais na rua assim sem um ponto específico, ou é quando eu tava indo mais na igreja.

Que dias da semana tu ia na igreja?

Sábado, domingo, feriado.

Existe algum outro espaço aqui dentro da Restinga que tu frequenta ou não, mas que tu considera importante pro bairro?

O CECORES.

O que é o CECORES?

É um espaço que a comunidade teria de lazer assim, tem quadra de basquete, de vôlei, futebol, e eu acho que é um espaço importante assim pra gurizada né, que eles têm pra praticar coisas diferentes e que eles gostam né, futebol, vôlei, essas coisas.

Existe algum outro lugar que tu considera importante pra história do bairro, que tu saiba que já tenha ouvido falar que faz parte da história?

Bah, eu já ouvi falar bastante coisa do Pampa.

O que é o pampa?

É o campo de futebol, é o maior campo acho que tem na Restinga pra esporte e é do lado do CECORES. Eu já ouvi bastante coisa assim de quando não tinha grama que era só areão. Tem bastante história que eu já ouvi.

(desenho do mapa)

Tu já ouviu falar sobre patrimônio cultural?

Patrimônio cultural... eu acho que já não me é estranho, mas eu não lembro.

Conseguiria definir o que é patrimônio cultural?

Bah, acho que não agora não.

Uma das definições de patrimônio cultural é quando um lugar ele faz sentido pra uma determinada comunidade ele é importante pra ela. A comunidade reconhece como um espaço importante, as pessoas reconhecem frequentam, gostam de usar, cuidam do espaço, a partir dessa definição tu acha que teria algum lugar na Restinga que as pessoas considerassem um patrimônio cultural?

Acho que sim.

Que lugares?

Acho que a esplanada é um dos lugares que é bem central na Restinga e bastante gente frequenta, muito mais os jovens (interrupção).

Teria mais algum lugar?

Tô pensando... como patrimônio cultural... não sei se as pessoas consideram, porque eu pensei no CECORES e no pampa que foram os outros dois que eu disse, que eu sinto que é um espaço importante mas não sei se as pessoas considerariam patrimônio, algo que não sei, até porque não tá sendo muito preservado.

Mas as pessoas usam?

Usam bastante. Acho que os dois também se encaixariam. São esses três que me vem agora.

Se tu recebesse alguém, um grupo de pessoas de fora de POA e tivesse que apresentar a Restinga pra eles, que lugares tu levaria?

Eu acho que apresentaria mais a vila, por mais que as pessoas pensassem ai meu deus como é que tu vai apresentar a vila? Eu apresentaria as vilas porque os principais pontos da Restinga eles são bem centrais e são pontos que tu não tem como passar por eles então de uma forma ou de outra eles vão conhecer esses pontos. E acho que seria importante eles conhecer esses outros pontos que são mais afastados, sabe, o salso, lá onde eu moro, morava a Vila Bitá, lugares assim sabe? Acho esses lugares importantes.

Mas assim sobre esses pontos centrais, eles não vão conhecer, tu que vai ter que apresentar pra eles, além das vilas que outros lugares tu apresentaria?

A Escola de Samba, nas instituições que eu acho que fazem um trabalho bem importante na Restinga, o CPIJ, o Monteiro, o Renascer, fazem um trabalho muito importante com as crianças.

Que trabalho que eles fazem?

Eles fazem atividades com crianças no turno inverso da escola, cursos, o Monteiro tem informática, padaria, os outros também é isso mais ou menos, não lembro muito. E é isso.

Entrevista Inajara, jovem, 20 anos, terminal Restinga Nova

Tem algum lugar aqui na Restinga que tu gosta de ir?

(sinais de não com a cabeça)

Algum lugar que tu mais gosta na Restinga? (sinais de não com a cabeça)

Nenhum?

Tem algum lugar que tu vai fora do horário de trabalho, da escola?

Em Porto Alegre?

Não, daqui da Restinga mesmo

Nenhum

Nenhum? Nenhum mesmo?

Com teus amigos, tu tem amigos aqui da Restinga? *Tenho*

Onde tu se encontra com eles? Só se encontra fora da Restinga? Aqui na Restinga não se encontram? *Só na minha casa.*

Existe algum espaço aqui da Restinga que tu não frequenta mais que tu acha que é importante pro bairro? *A esplanada*

Tem mais algum espaço que tu acha que seja importante? Que as pessoas vão, se encontram, pra fazer outras coisas? *Só a esplanada*

E tu acha que tem algum lugar que seja importante pra história do bairro?

Que seja significativo pra alguém? *Não sei te dizer,*

Tu mora aqui faz tempo? *Faz pouco tempo*

E porque que tu acha que a esplanada é um lugar assim? *Porque sei lá, todo mundo se encontra* (fez sinal com as mãos juntando)

(sem gravador)

Depois conversamos mais um pouco, lugares que ela frequenta no centro, marinha, o shopping, a redenção.

E o que tu acha que falta na Restinga?

Tudo! Na verdade falta um lugar.

Uma praça tipo a redenção? *Isso*

Entrevista Giovana, jovem, 23 anos, terminal Restinga

O que tu mais gosta de fazer na Restinga? E onde?

(Expressão de dúvida)

Nenhum lugar?

Não fico muito aqui não saio muito.

Tem algum lugar do bairro que tu frequenta fora do horário de trabalho?

Eu frequento só academia, coisa assim, mas assim de passeio não.

E com amigos e família que lugares vocês se encontram, aqui na Restinga?

Eu não fico muito.

Tem amigos aqui?

Tenho, tenho parente e tudo.

E se encontram?

Geralmente um na casa do outro.

E tem algum lugar que tu não frequenta, mas que tu acha importante pra comunidade, que tu acha que as pessoas usam?

Eu acho o CECORES um lugar bem interessante.

E o que tem lá no cecores?

Tem as quadras e dai dentro do CECORES tem aquela quadra e tu vai em reuniões e tu pode conseguir horários, é bem legal, pra quem gosta de esporte.

E tem algum lugar que tu acha que é importante pra história que tu já tenha ouvido falar? Sobre a história do bairro que alguém já te falou?

(Tempo de silêncio) *Nenhum lugar.*

Se viesse alguém de fora, algum amigo teu de fora da Restinga, que não conhecesse a Restinga e tu tivesse que apresentar, que lugares tu levaria?

Eu levaria na esplanada no CECORES, esses lugares assim, o Pampa também.

O que tu acha que tem na esplanada de interessante?

É lugar pra... tem uns bancos ..da pra conversar.

Entrevista Roberto, 64 anos, terminal Restinga

A gente tava falando de lugares que o senhor não frequenta, mas que são importantes...

O senhor falou da quadra.

Tem a quadra, tem várias coisas boas aqui na Restinga.

Tem algum lugar que o senhor acha que é importante pra história do bairro, algum fato, alguma história?

Alguma historia como tu quer dizer?

Algo que seja importante pro bairro.

Como eu te falei, tem o CECORES, tudo ali é importante pro bairro.

O senhor frequenta o CECORES?

Não, mas já frequentei quando eu era guri novo a gente tinha sonzinho a gente ia pra li, mas os anos se passaram.

O que mais acontecia lá? O pessoal levava musica?

Tinhas as músicas lá, uns eventos que faziam às vezes, umas festinhas.

E se chegasse alguém de fora da Restinga, que não conhecesse o bairro, e o senhor tivesse que apresentar toda Restinga, que lugares o senhor mostraria, que ruas, que locais?

Aqui dentro da Restinga, geralmente, hoje em dia ela ta tão bonita, quando eu vim pra cá era danada a coisa.

Como era?

Era um ônibus por dia dois. Só existia a Restinga nova ali oh (apontando) a velha, era uma fachada, tinha umas casinhas que era da prefeitura, chalezinho, que morava nas casinhas podia se considerar rico. Ai com o tempo o pessoal morava tudo pra trás, eu, por exemplo, morei pra trás, lá era tudo casebre, era de madeira, que traziam do mercado da praia de belas naquela época, na frente do mercado, traziam papelão, caixa de tomate, era uma pobreza danada, tu olha dentro da Restinga Velha hoje tu não diz o que, que era. Isso aqui tudo era mato, trabalhei desde guri novo desmatando ali (aponta).

Com que idade o senhor veio pra cá?

Vim pra cá eu tava com 20 anos. Eu fiz 64 agora.

Antes de vir pra cá, o senhor morou aonde?

Morei no Cristal, no Estaleiro Só, e daí tiraram a vila dali e trouxeram pra cá.

O senhor veio então com a remoção?

Com a remoção é.

E se tivesse que apresentar hoje assim algum lugar, que lugar o senhor apresentaria?

Pra mostrar pra alguém, é dava pra fazer uma volta em toda a Restinga.

Tem algum lugar na Restinga Velha que seja assim um ponto importante?

Não tem pontos importantes porque não tem uma praça, mas tem o campo de futebol, geralmente as pessoas vão ali pra ver o futebol, é bonito, na restinga velha. E a nova tão bonita não adianta, pra quem conheceu isso aqui como eu conheci, cansei de pegar o ônibus e perder, dai ia até Belém e vinha a pé, lá daquela entrada lá eu e uma turma conversando pelo meio da rua. Hoje em dia é uma cidade né, grande, tem banco tem posto de saúde, hospital.

Quando o senhor veio pra cá, da remoção assim um tempo depois que já tava aqui tinha algum lugar que o pessoal se encontrava pra ficar junto, pra conversar?

Tinha, tinha a sede, aonde tinha a reunião dançante

E onde era?

Dentro da Restinga Velha.

E como era?

Era uma casa grande tinha reunião dançante, aquela época o pessoal curtia um som bem legal ali dançava, era bonito aquela dança nossa. Claro que agora tudo mudou né, mas era muito lindo e os campo de futebol, o pessoal se reunia os dois times, naquele tempo é o chamava os gaúcho e os catarina.

E essa casa ainda existe hoje?

Olha eu passo lá eu vejo ela ainda.

Mas não se usa?

Não é usada mais, como sede, que era, vinham conjuntos tocar ali.

E hoje teria algum lugar que o pessoal se encontra, pra dançar?

Olha eu, eu não, tem pouca coisa pra fazer, assim danças e coisa, tens uns barzinhos umas coisas ai mais local só de dança que nem antigamente que tu ia lá e tinha os moças e os rapazes tudo pra dançar e tinha um outro local que já era mais pra curtir.

E era onde?

Chamava Sete Facadas, era um salão grandão, na Restinga Velha na mesma rua que tinha a Sede. A gente queria dançar com a mocinha ia. Ia arrumar namorada pra curtir a vida, tinha lá sertanejão pra dançar agarradinho, e uma chinchada, e era assim. Era um local mais tranquilo se queria curtir tu ia lá. Agora se tu queria namorar ia lá dançar na sede. E o futebol que era muito lindo.

E o futebol vocês jogavam aonde?

Era aqui na Restinga Velha, não era nesse, era no antigo que era bem lá atrás da figueira. Ai depois veio aqui pra frente.

E a figueira ela tem alguma história?

Essa figueira aí é. O meu irmão mora lá perto é um troço antigo lá, uma tradição da vila.

É uma tradição?

É, é um local de referência porque a pessoa mora naquela rua tu fala ah é lá perto da figueira, é um ponto de referência.

E pra mim esses ano tudo que eu morei foi muito bom, nunca ma aconteceu nada, andava de madrugada por ai, com o tempo a gente sossega, guri novo ficava de madrugada ia pro bailezinho, nunca me aconteceu nada.

Entrevista Andreia, 35 anos, terminal Restinga Velha

O que tu mais gosta de fazer na Restinga, e onde?

Ah, aqui tem bastante lugares assim né cancha de esporte, apesar de um pouco, pode não se ter muita segurança né, mas tem, tem bastante lugares assim pra levar as crianças, tem pracinhas, tem lazer, tem o CECORES, então aonde é um pouco mais seguro em relação até pra comunidade. Mas tem mercados, né, coisas assim onde tu pode ter assim uma segurança com a família.

(ela começou a rir, meio envergonhada, e eu disse que era tranqüilo, só uma conversa)

Tem algum lugar na Restinga que tu procura pra te divertir? Com amigos família?

Tem, eu gosto muito de baile funk, e eu vou na casa do Sem Carinhos, na Edgar Pires de castro, na entrada da Restinga. Não tive nenhum problema até agora de assalto nem de roubo, nem nada. Mas é uma coisa que eu gosto de curtir, eu acho. Quando a gente entra é revistado. Tem aquele momento de lazer né, mas pra mim eu acho seguro de repente pra outras pessoas não, eu curto, eu gosto.

E aqui no bairro mesmo tem algum outro lugar que tu vai assim?

Muito mais assim a casa de familiares, parente amigos assim, mas tudo também, tudo tranquilo, nada assim que possa dizer que seja (silêncio). Tem a esplanada também que é um centro histórico também da Restinga, onde às vezes tem eventos, tem a escola de samba, então tu pode ir lá, tomar um chimarrão.

E tu costuma ir na Esplanada?

Costumo assim, vou com meu filho vou com amigos também, sentar lá curtir, rir, dar risada, beber, essas coisas assim.

E tem algum lugar que tu frequente ou não que tu acha importante pra comunidade?

Tem que nem eu tava te falando a maioria dos lugares assim mais é coisa de esporte né, mas só como hoje em dia ta tão difícil a segurança, então ultimamente a Restinga não ta sendo muito bem falada, mas é essas coisas assim de assalto, muitas brigar, rixas, ponto de coisas que são desagradáveis, então hoje em dia mas nada que tu fica na tua, tu trabalhar, estudar e fazer tuas coisas do dia a dia, mas sempre com vigilância, se cuidar tudo se manter. Até pro bem estar.

E tem algum lugar assim que tu já tenha ouvido falar que seja importante pra história do bairro?

Na verdade assim que nem eu te disse é mais o CECORES que é da parte da Restinga Nova e o centro histórico ali é sobre a Restinga que é a esplanada, assim tem outros pontos, outras localidades assim que são bem a vista né, mas é que aquilo né, hoje em dia a população mesmo já não cuida tanto das coisas da nossa comunidade mesmo, destroem tudo né, tipo

botam praçinhas pra adolescentes ou pra crianças e vandalizam, então, mas acho que isso em toda parte tem, não é só aqui no bairro Restinga, mas infelizmente é a gente vê é saneamento básico, é os postos sem medicamentos, muita reclamação, pessoas doentes que não tem condições nenhuma de manter a Restinga bem falada é falta de tudo né de medicamento, posto de saúde, mal atendimento, essas coisas assim, mas no mais a gente vai se levando.

Se viesse alguém de fora aqui hoje que não conhece a Restinga que lugares tu levaria a pessoa pra conhecer?

Geralmente tem um ponto turístico, pela parte da Restinga Velha a coisa é mais simples, tem mais supermercados, mas tem uns lugares bonitos na Restinga Nova, que nem eu te falei novamente né, são coisas que são importantes históricos, a esplanada.

Aqui no lado da Restinga Velha, tem algum?

No momento não consigo pensar nenhum, no momento não tem tanta coisa assim até porque como eu te disse é muito agora ultimamente, assalto, guerra de gangs, a gente já fica até meio assim de sai de casa, sair com os filhos no mercado. Não é como a gente, mas a insegurança bate um medo também, mas tem algumas coisas assim, tipo o sol brilha é maravilhoso, sabe o ambiente.

Tem algum ponto que é legal de ver o sol?

Tem bastante, principalmente na minha casa, no meu pátio.

Tu mora mais no alto?

Não, não, é plano, mas é assim um ar livre onde têm muitos, hoje em dia na Restinga é na verdade é cresceu muito tem muitos apartamentos, esse plano Minha Casa Minha Vida, então hoje em dia tem muitas lojas, que antigamente não tinha, hoje tem lojas então se expandiu a Restinga. Por um lado é bom e por outro também não é como eu te disse né, falta de segurança que acho que todo bairro todo local tem.

Entrevista Sofia, 19 anos, parada de ônibus Restinga Nova.

O que tu mais gosta de fazer na Restinga?

Eu nunca tô na Restinga. Eu nunca paro, quando eu tô, eu fico em casa mesmo.

E fora da Restinga?

Centro, CB. Ah um lugar legal de comer aqui é o cavanhas, ah quer dizer o Parada 10.

Tu vai lá, assim de vez em quando? *Sim*

Tu tem amigos aqui no bairro? Família?

Família mesmo tem minha mãe e meu pai, o resto mora em Viamão. E amigos assim de escola, quando eu fiz o fundamental aqui e quando eu estudei no Parobé conheci pessoas daqui também.

E ai, tu vê eles, em algum lugar?

É a gente se encontra um na casa do outro, combina alguma coisa pra ir fora da Restinga, aí pega o busão junto.

Tem algum lugar que tu vai ou que tu já foi durante tua vida aqui na Restinga, fora escola, que tu frequentou?

Tipo a esplanada?

É. O que é a esplanada, o que tem lá?

Ah, é um espaço que é legal porque tem shows, tem feira, eu aprendi a andar de bicicleta, de roller, de skate.

Agora tu não vai mais, mas tu já frequentou...

Sim, era o lugar que eu mais ia. Ah depois tinha a ciclovia, dava pra andar também, mas como a ciclovia é uma coisa nova, pra brincar mesmo era a esplanada.

E tu ia com quem?

Eu ia com a família, com meus primos.

E com a família vocês vão em algum lugar?

Ravena (risadas) só comida né (risadas).

Tem algum lugar aqui na Restinga que tu já ouviu falar que tem alguma importância pra história do bairro?

Já ouviu falar sobre a história da Restinga?

Como foi fundada? Sim de que tiraram as pessoas mais pobres dos bairros centrais e colocaram aqui.

Desse início assim, tu já ouviu algum lugar que foi importante?

Deixa eu pensar... não.

Tem algum lugar que tu não frequenta, mas que tu acha que as pessoas usam?

Tipo que as pessoas vão pra se encontrar pra se divertir?

Sim, tem a Quadra, Estado Maior.

Tu acha que lá é um lugar de encontro? O que tu já ouviu falar?

Na verdade eu não sei se seria um lugar de encontro, mas seria para um propósito, que é pra promover o carnaval e quando eu era mais nova eu queria ir e a minha mãe não deixava, por causa da estrutura, tinha medo que caísse alguma coisa na minha cabeça.

E tu já ouviu alguém comentando alguma coisa sobre a Quadra? Tipo no ônibus ou sei lá em outro lugar?

Ahh sim! Eu já tive amigas que desfilavam, que vinham, que participaram sempre.

E se hoje tu recebesse amigos teus de fora, que não conhecessem a Restinga, que lugares tu apresentaria? Fazer tipo um passeio turístico.

Ta, deixa eu pensar... (tudo bem, nós temos toda viagem)

Eu acho que a esplanada é lugar legal, que as pessoas se encontram, tomam chimarrão, ficam conversando. É um lugar que dá pra tu sentar, pra tu tomar um chimarrão, mesmo eu não gostando de chimarrão... pra tu conversar. Quando eu era mais nova a gente ia no "Banks" que é lá embaixo.

O que é isso? *É uma quadra de skate.*

E tu andava de skate? *Eu tentava né... (risadas)*

E tu acha que o pessoal usa ainda lá? *Acho que ainda deve ter, faz mais ou menos uns quatro anos a última vez que eu fui. Deixa eu ver, que mais... Tô tentando não pensar coisas de comida. A própria Quadra seria um lugar, até pra eu conhecer.*

E porque tu acha que seria um lugar?

É porque tudo mundo quando fala de Restinga, relaciona com o carnaval. Acho que é por isso. Eu tô percebendo que eu não aproveito a Restinga.

E teria algum lugar, alguma instituição que tu acha que é importante pra comunidade?

Tem aquela... esperança? Da Roseli? É pras crianças carentes.

Renascer da Esperança?

Isso, acho que o Renascer é bem legal.

Por quê?

Porque tem muita gente pobre que não tem condições e tu não vê muitas ações assim que prezem ajudar a comunidade.

E tu acha que tem algum lugar na Restinga que tenha uma paisagem bonita?

Deixa eu ver, quando a gente ta fora a gente vê que é bonito, tem um monte de luzinha.

Quando a gente vem pela Glória da pra ver bem.

É.

Deixa eu pensar de dentro, é que não tem muito verde, onde tem verde é mato.

Ah eu acho que ali pelo 209 é, descendo por ali, é um lugar mais aconchegante, tem umas casinha ali, tem umas árvores.

Entrevista Ana, 63 anos, parada em frente a delegacia.

Então ta eu vou chegar mais pertinho por causa do barulho.

Quando tempo a senhora mora aqui na Restinga? *Um ano e dois.*

Que lugares a senhora mais gosta de ir na Restinga?

Ah, eu gosto de todos, vou no banco, gosto de ir nas lojas.

A senhora trabalha aqui na Restinga? *Não, eu trabalho no Menino Deus.*

Que lugares a senhora procura para se divertir? *Ah eu venho mesmo nas lojas e na caixa.*

Nenhum lugar aqui do bairro? *Nenhum, nenhum, às vezes eu fico aqui nessa esplanada, quando tem um showzinho eu trago ela (menina que estava junto). Nem vi qual era esse aí (ônibus que passou)?*

Era o A19.

Então a senhora não vai em praças coisas assim? *Não.*

E tem algum lugar aqui do bairro que senhora já tenha ouvido falar que seja importante pra história?

Olha o que eu vejo falar assim muito que da muito showzinho nessa Esplanada, é o que eu vejo falar mais.

E lá onde a senhora mora, lá na quinta (quinta unidade é uma localidade da Restinga)?

Lá tem uma praça que eu levo essa aqui (menina) pra ela brincar, muito boa a praçinha.

O que tem na praçinha?

Tem balanço, só tem o pessoal.

O pessoal vai? *Sim, vai bastante gente ali.*

Se viesse alguém de fora da Restinga hoje e senhora tivesse que apresentar a Restinga, algum amigo seu, e a senhora tivesse que levar tipo pra um passeio, que lugares a senhora levaria?

Olha, onde é que eu podia dizer que ia levar, eu podia até convidar vou te dizer, eu sou da igreja, podia até convidar ela pra ir na igreja comigo.

Onde é sua igreja? Onde a senhora mora?

Não, é aqui no foro.

E a senhora vai que dias da semana?

Quando eu posso ir umas duas, três vezes por semana, to indo, é onde eu podia convidar a pessoa pra ir comigo. Porque é onde eu vou, minha vida mais é na igreja.

Teria algum outro lugar que a senhora apresentaria?

Era as lojas, ali no fim da linha do ônibus que é legal também, eu acho que é isso ai. Em festa assim a gente já nem vai, eu não vou mais.

E de lugar assim, tipo praças?

Ah não! Podia apresentar uma praça, que tem a praça dali da quinta, tem uma lá atrás também, é boa, aquela praça ali dos apartamento.

E tem algum lugar que senhora acha que é bonito, que é legal de ver uma paisagem?

Aqui na Restinga paisagem que eu acho bonito é ali na quinta, que tem o mato, muito lindo ali, que agora ta cheio de casinha, é lugar que eu acho lindo.

Eu acho muito bonito ali, até apresentei pra várias pessoas minhas que veio lá da gloria, nois levemo ali pra eles olharem.

E tem alguma instituição que a senhora viu nesse tempo que mora aqui que é importante pra comunidade? *O único que eu vejo que é importante pra nós é esses ônibus que ta muito bom.*

Outra coisa não sei por que a gente quase não sai, agora eu vim aqui no banco e já vou pra casa e já vou sair vou pro centro. Gosto muito da Restinga.

Entrevista Jessica, 11 anos, Kauã, 12 anos, terminal Restinga Velha

(Essa entrevista está apresentada de forma diferente, pois foi realizada com dois sujeitos, para facilitar a visualização, utilizamos as iniciais).

R: Eu vou gravar ta? É só áudio.

R: Como é o nome de vocês? *Kauã e Jessica.*

R: Não vai aparecer nome de vocês, é só pra eu saber, pra poder conversar. Então, o que vocês gostam de fazer na Restinga fora o horário da escola?

J: *Ah eu gosto de jogar bola com as amiga lá dos apartamento.*

R: E onde é?

J: *Lá no Jardim Paraíso, gosto de ir no CPM (CPIJ).*

R: Na rua assim?

J: *Na rua, mas lá como é apartamento tem uma quadra de futebol. Na rua tem criança que joga taco e na quadra a gente joga bola.*

K: *Eu gosto de jogar basquete, dança, futebol de vez em quando, vôlei.*

R: E onde vocês fazem isso?

K: *Ali no cpm (CPIJ) né... ah e caratê.*

J: *Eu prefiro mais capoeira e caratê*

R: E onde vocês encontram os amigos de vocês?

J: *Eu não tenho um lugar a gente combina pelo facebook ou pelo Whatsapp daí todo mundo vai, se une ali nos apartamento e vamo pro shopping, dia de aniversario de alguém, ou alguém faz uma festa uma social. Daí vem as mães que a gente conhece desde pequena.*

K: *Eu é só pela rua, ali no CPM e aqui no colégio.*

R: Vocês vão pegar o A17? *Vamos!*

R: A gente pode continuar dentro do ônibus? *Pode*
(Subimos no ônibus)

R: E com a família de vocês onde vocês encontram?

J: *Eu saio bastante com a minha família,*

R; Onde?

J: *O Máximo que gente gosta quando bota um filme novo a gente gosta de ir no cinema e nos parques.*

R: Tem algum lugar que vocês já ouviram falar que seja importante pra Restinga?

J: *Tem a união da Restinga que é o pagode.*

R: O que é a união?

J: *É um lugar que tem o samba, vai toda comunidade, vai quase toda comunidade.*

R: Tem algum outro lugar? Aqui na Restinga Velha?

J: *Quando tem dias assim festa, quando é comemoração, é dia de criança a lá em baixo ali nos alemão eles fazem festa pras crianças, a maioria da comunidade vai.*

K: *Dia das mãe tem festa lá, dia das criança, natal.*

J: *Eles fazem daí a maioria das pessoas vão pra lá. Mas é boca de trafico, (final da frase não consegui entender)*

K: *Na quadra da Restinga tem sempre pagode, tem samba.*

R: Se vocês recebessem alguns amigos aqui na Restinga e tivessem que apresentar a Restinga, que lugares vocês levariam eles?

K: *Eu levava lá, la na quadra.*

J: *Eu levava no CECORES,*

R: E o que é o CECORES?

J: *É que tem piscina no CECORES e esporte.*

R: E porque tu levaria no CECORES?

J: *Por causa que a maioria dos meus amigos gostam de esporte, daí la tem basquete, futebol, várias coisas e tem piscina quando é verão é de graça, daí tu só faz a carteirinha.*

R: E tem mais algum lugar que vocês levariam?

J: *Acho que só essas.*

K: *Dia das mãe alguma coisa assim é lá nos alemão.*

R: Onde é que eles fazem, na rua?

J: Na rua.

K: Eles pegam e botam baíta de umas lonas, grandonas.

R: E eles põem musicas?

J: Põe umas músicas, vai vários MCs da Restinga.

K: Vai MC negão, MC Pedrinho, vai um bandão de MC, até MC Tati.

J: Tem jornalzinho da Restinga que sai um monte de coisa.

Entrevista Maiara, 21 anos, parada na frente do fórum.

Quando tempo tu mora aqui na Restinga? *Acho que já faz uns, eu tenho 21, faz uns 12 anos.*

Que lugares que tu procura aqui na Restinga pra se divertir?

Eu não sou muito de sair mas quando eu vou, eu vo numa praça ou numa sorveteria, bem pouco, na esplanada não fico muito porque eu não gosto, mas é nesses lugares mesmo.

Tem algum lugar que tu não frequenta que tu acha que é importante pro bairro? Que as pessoas usam?

Não, acho que não tem nada que eu não frequente que é importante.

E que lugares tu acha que são importantes pro bairro?

Ah vo te dizê que assim o que acho que nenhum lugar, sério, eu não conheço assim.

E da história do bairro assim, tu já ouviu algum lugar que, algum ponto da Restinga que faça parte da história, que alguém já contou?

Não, é meu cunhado ele mora aqui há muito tempo né, ele mora aqui desde criança. Ele falava como é que era que não tinha muita gente, nem tinha ônibus direito não era assim como é hoje, não tinha a esplanada, não tinha rua asfaltada era tudo de chão. E era meio difícil a localização daqui até o centro, tinham que esperar o ônibus, tinha ônibus um de manhã e um de noite. É a história que ele sempre fala. Ele disse que passou bastante dificuldade aqui no começo.

E se viessem alguém de fora da Restinga e tu tivesse que apresentar, tipo pontos turísticos que lugares tu levaria essa pessoa?

Olha eu acredito que aqui na esplanada só, deixa eu ver que mais e acho que isso algumas praças também.

Que praças tu te recorda agora?

Lá embaixo, lá perto do Kan lá de baixo, perto da casa da minha irmã a gente ficava bastante lá, a gente ia bastante, é a que eu mais ia. Acho que o hospital também eu ia mostrar, o hospital da Restinga, tem gente que tem curiosidade, e acho que é esses pontos só. Não tem muita coisa.

Tem alguma instituição que tu já ouviu falar que seja importante pro bairro?

A do Dunga eu acho.

O que tem lá?

Eu acho que é tipo como se fosse uma escola integral, as crianças ficam lá, elas tem várias atividades. Tem o CMPJ(CPIJ) que é naquela direção lá. Também é tipo, acho que é, não sei

né, como se fosse também uma escola integral que dá as crianças que não tem atividade na tarde elas ficam, elas vão pra lá.